

## TEXTOS HOMILÉTICOS

Org.: Pier Giorgio M. Di Domenico

### INTRODUÇÃO

Um dos setores da atividade apostólica em que os Servos de Maria se distinguiram nos séculos XIV e XV é, sem dúvida, o da pregação. Essa atividade, que cersce com o aumento do número de frades presbíteros, pressupõe uma formação rigorosa no campo das disciplinas teológicas e humanistas e é acompanhado de perto por capítulos gerais e provinciais<sup>1</sup>.

Da atividade desses pregadores originam-se obras literárias propriamente ditas, como os sermões de frei Nicolau de Arezzo e as pregações quaresmais de frei Ambrósio Spiera e de frei Paulo Attavanti.

A atividade de anúncio do Evangelho não é um empecilho para a vocação eremítico-contemplativa que é um ideal profundamente sentido em todas as partes da Ordem neste período. Pelo contrário, é na contemplação mesma que ele se fortalece, como acontece com o bem-aventurado Boaventura de Forlì.

Apresentamos aqui textos de oito autores que, embora utilizando uma linguagem estanha ao nosso modo de falar e de pensar, merecem ainda hoje todo o nosso respeito. Em suas pregações, são fiéis à Palavra de Deus na Escritura, exprimem uma profunda piedade mariana alimentada pelo ideal do serviço humilde prestado por Maria ao pé da Cruz, buscam tocar a vida dos ouvintes e despertam o desejo de conversão e de renovação.

Sobre o assunto, cf. também a seção “Fontes de Arquivo”, às páginas ????, nº 222-226.

Bibliografia: F. A. DAL PINO, *Storia francescana e ordini mendicanti nell’“Archivio Sartori”*, “Venezie francescane”, n. s., 1 (1984), p. 241-249.

### I. *PLANCTUS DOMINE NOSTRE* de

Nicolau de Arezzo

#### Introdução

A primeira informação sobre frei Nicolau de Arezzo, que se doutorou em Bolonha em 1398, é dada por frei Paulo Attavanti no *Dialogus de origine Ordinis*: “Brilhou também em nossos dias um frade digno de muita consideração, Nicolau de Arezzo, doutor em sagrada teologia, homem comprometido com o serviço às igrejas e que, na hora da morte, deu provas tais de santidade que não se podem deixar passar em silêncio. Foi sobremodo extraordinária a assistência que a soberana Imperatriz lhe prestou em suas atividades. Certa mulher, cujas graves enfermidades físicas haviam levado ao fim da vida, com súplicas incessantes, recomendou-se à Virgem Maria. E, em sonho, parece-lhe ver a Virgem vir ao seu encontro e dizer-lhe: «Procura Nicolau de Arezzo, homem perfeito,

<sup>1</sup> Cf. o decreto do capítulo geral de Gêbniva, de 1362, à p. (???) do presente volume.

astro luminoso da Ordem dos Servos de Maria, e pede-lhe que te livre de tuas enfermidades». Com esforço, a mulher se levantou e foi à procura de Nicolau de Arezzo. Ao encontrá-lo, disse-lhe: «A Virgem Maria confiou-me a ti para que me cures». Nicolau respondeu: “Se foste enviada por ela, levanta-te e volta para a tua casa”. E ela, pondo-se de pé, obteve a cura desejada”<sup>2</sup>.

A fama de frei Nicolau como homem catismático é comprovada também pelos antigos estatutos da Faculdade de Teologia da Universidade de Bolonha, onde se lê: “111. *Magister Nicolaus de Aretio, Ordinis Servorum. Claruit miraculis, anno Domini 1462*”<sup>3</sup> (= *Mestre Nicolau de Arezzo, da Ordem dos Servos. Distinguiu-se em milagres. Ano do Senhor de 1462*).

Entre 1414 e 1425 deve ter sido agregado ao Colégio Teológico de Sena. Foi vigário geral da Ordem em 1415. Morreu em 1462, quase centenário.

O *Planctus Domine nostre* encontra-se no códice 25 da Biblioteca Comunal de Perúsia, que contém também os “*Sermones mortuorum per totum annum super Evangelia dominicalia, scripti per me fratrem Nicholaum de Aretio, Ordinis Servorum sancte Maria, die 16 februarii 1395*”.

O *Planctus* é uma obra juvenil que faz parte do sermão sobre as “Sete Dores” de Maria e desenvolve o versículo das *Lamentações*: “Vós todos que passais pelo caminho, dai atenção e vede: Será que existe alguma dor igual à minha dor?” (1,12). A dramatização da dor de Maria quer levar os ouvintes a tomar parte ativa na paixão de Jesus. Partindo do axioma aristotélico segundo o qual “*contraria contrariis apposita magis elucescunt*” (as coisas contrárias postas ao lado dos seus contrários brilham com maior intensidade), frei Nicolau enumera primeiro as Sete Alegrias de Maria e depois suas Sete Dores. As dores, contrapostas às alegrias, ressaltam a participação íntima e pessoal da Mãe no sofrimento redentor do Filho.

Edição:

M. DONNINI, *Un codice trecentesco di fra Nicolò d'Arezzo, O.S.M., nella Biblioteca Comunale di Perugia (attribuzione e primi sondaggi testuali)*, “Studi Storici OSM”, 40 (1990), p. 38-51.

Bibliografia:

S. STICCA, *Il “Planctus Mariae” nella tradizione drammatica del Medio Evo*, Sulmona 1984.

M. DONNINI, *Un codice trecentesco di fra Nicolò d'Arezzo, O.S.M., nella Biblioteca Comunale di Perugia (attribuzione e primi sondaggi testuali)*, “Studi Storici OSM”, 40 (1990), p. 7-31.

## INÍCIO DO PIEDOSO PRANTO DE NOSSA SENHORA

Ó vós todos que passais pelo caminho, dai atenção e vede: Será que existe alguma dor igual à minha dor? É a primeira lamentação<sup>4</sup>. A recompensa que alguém recebe por

<sup>2</sup> Cf. *Monumenta OSM*, XI, p. 108

<sup>3</sup> Cf. R. TAUCCI, *I Maestri della Facoltà teológica di Bologna*, “Studi Storici OSM”, I (1933), p. 30

<sup>4</sup> Cf. *Lamentações* 1,12

uma dor deve ser justamente proporcionada à participação nos sofrimentos causados por esta dor. Por isso, diz o Apóstolo: *Quem não trabalha, não coma*<sup>5</sup>. O soldado que abandona a batalha, enquanto os outros combatem e conquistam a vitória, não deve participar da partilha dos despojos. Da mesma forma, se a alma, que está neste mundo para combater o demônio, abandonar o combate, uma vez que não luta contra ele meditando na paixão de Cristo e unindo-se à mãe sofredora que chora a morte do Filho, não terá parte na presa, isto é, no reino dos céus, porque o reino nos foi dado através da paixão de Cristo.

Por isso, diz o Apóstolo: *Sabemos que assim como participamos dos sofrimentos, participamos também das consolações*<sup>6</sup>, isto é, se hoje te unires à Mãe de Cristo chorando com ela, tu a terás por companheira na vida eterna. Mas como não podemos unir-nos a ela sem a graça divina, devemos pedir ajuda para obter esta graça. A quem recorreremos? Não ao Pai, certamente, que vê seu Filho ferido por tua culpa; nem ao Filho, que hoje foi morto; nem a Maria, nossa advogada, porque ele mesma diz: *Não me chameis mais de Noemi-Doçura, pois o Poderoso me amargurou demais*<sup>7</sup>. Bioenu ela linda. Tinha marido e dois filhos: foi expulsa de sua terra, seu marido e os filhos morreram, e uma nora se separou dela. A outra nora, porém, não quis ir embora e dizia: *Onde quer que venhas a morrer, aí eu quero morrer e aí quero ser sepultada*<sup>8</sup>. Maria disse exatamente isso: *“Povo meu, te peço, não me chames mais Noemi, isto é, bela, porque estou repleta de amargura. De fato, é preciso que o luto me leve para uma casa estranha, porque morreu o meu filho, o meu marido, o meu esposo”*. Com a Virgem Maria ficou uma só nora, Madalena. A mãe de João, porém, fugiu e foi embora. Maria então disse: *“Não me chameis cheia de graça, porque estou repleta de dores; não digais que o Senhor está comigo, porque os Judeus malvados o levaram de mim e o pregaram na cruz; não me chameis bendita, porque perdi toda bênção; não digais bendito o fruto do teu ventre, porque hoje este fruto foi amaldiçoado pelos Judeus”*.

Querendo, pois, associar-nos a ela em tão grande aflição, devemos hoje fazer como ela, que convidava todos a compartilharem da sua dor. Nós a convidaremos, portando, compartilhando humildemente da sua dor e suplicando que nos dê um pouco da sua paixão pelo Filho. Por isso, para vos poder descrever o seu lamento de maneira que sirva (reverta) (???) para a glória da Trindade, para o louvor da Virgem e para a salvação das nossas almas, e também para que a nossa súplica seja mais facilmente atendida, repitamos aquelas lindas palavras que a Santa Mãe Igreja proclama em honra da Virgem ao recordar as suas dores: *“Ó vós todos que passais pelo caminho”*, etc.

Como o sabem os que o experimentaram, intensíssima é a dor do pai e da mãe quando perdem um filho, principalmente se ele é filho único, bom e ajuizado. É uma dor tão intensa que podem levar o pai e a mãe a uma angústia mortal. Disso temos um exemplo no Antigo testamento: por cem anos, Adão chora a morte do filho Abel, assassinado por Caim, e nada conseguia consolá-lo. O lugar onde ele chorou a morte do filho passou a chamar-se *Vale de lágrimas*, devido ao grande luto, como diz o Mestre das histórias<sup>9</sup>. Um exemplo semelhante temos em Davi na morte do seu filho Absalão, cujo

---

<sup>5</sup> Cf. *2 Tessalonicenses* 3, 10.

<sup>6</sup> Cf. *2 Coríntios* 1,7.

<sup>7</sup> Cf. *Rute*, 1,20

<sup>8</sup> Cf. *Rute* 1,17.

<sup>9</sup> Este é o célebre alcunha dado a Pedro Comestore (morto no final do século XII), intérprete de Pedro Lombardo, autor da *Historia scholastica*, da interpretação dos Evangelhos e do tratado sobre os sacramentos. Frei Nicolau cita aqui a passagem da *Historia Scholastica* (cf. PL 198, 1076D), na qual, porém, o choro de cem anos de

corpo foi cravado por três dardos<sup>10</sup>. Chorou tanto a ponto de pedir a morte, dizendo: “*Meu filho Absalão, meu filho, por que não morri em teu lugar*”<sup>11</sup>. Se eles, porém, tanto sofreram pela morte dos filhos, eles que tinham outros filhos com os quais podiam consolar-se e compartilhar a dor, que dizer da Virgem Maria diante da morte do Filho, que era seu filho único, tão bom e tão sábio e que foi morto tão vergonhosamente? Ela estava sozinha e não podia compartilhar com ninguém a sua dor. Portanto, será que a Virgem Maria sofreu pela morte do Filho o mesmo que Adão e Davi sofreram pelos seus filhos mortos? Sem dúvida, muito mais, e Santo Agostinho explica o motivo, isto é, porque jamais existiu mãe que tivesse um filho tão nobre, nem filho que tivesse mãe tão nobre. *Por isso a nobreza do filho está na virgindade da mãe, e a nobreza da mãe, na divindade do filho*<sup>12</sup>. Com efeito, assim como no mar, nem uma gota d’água, porquanto pequena, deixa de ser marga, da mesma forma na Virgem, na sua alma, na sua carne, nas suas medulas e no seu corpo inteiro, tudo transpirava amargura. Por isso, a Virgem Maria diz: “*Ó vós todos que passai pelo caminho dai atenção e vede: Será que existe alguma dor igual à minha dor?*”

Mas se quisermos entender suas as intensas dores e lágrimas, devemos considerar brevemente as grandes alegrias que teve com seu Filho. Essas alegrias lhe causam uma dor mais intensa, porque percebe que perdeu o Filho que lhe dera tantas alegrias. Diz o filósofo: as realidades contrárias quando justapostas aos seus contrários tornam-se mais claras<sup>13</sup>. Do seu Filho Maria teve sete alegrias que mãe alguma jamais teve ou terá do seu filho. A primeira alegria está no fato que ele é um filho celestial, que lhe foi dado pelo céu, anunciado pelo anjo celeste e concebido por obra do Espírito Santo. Tal alegria nenhum a outra mãe teve. A segunda é que ela não o trouxe no seu ventre com mal-estar, peso ou sofrimento, como acontece com as outras mulheres, mas com infinita doçura. A terceira é que no momento do nascimento, foram concedidas duas grandes graças: dá-lo à luz sem dor e gerá-lo permanecendo virgem. A quarta alegria é que ele foi um filho obediente e respeitoso. De fato, nos trinta e três anos em que ficou neste mundo, jamais foi motivo de peso ou de desgosto. Foi-lhe sempre obediente submisso, como diz o Evangelho de São Lucas: *...e lhes era submisso*<sup>14</sup>. E sempre a honrou: na vida, na morte e depois da morte. A quinta alegria é que o filho foi repleto de sabedoria e de virtude. Pregava, de fato, coisas que há séculos não se ouviam e fazia milagres inauditos: é evidente, pois, que jamais alguém teve um filho assim. A sexta alegria é que ele foi para ela um filho muito singular. De fato, todo o corpo de Cristo vem da carne da Virgem sem nenhuma interferência de pai terreno. A sétima alegria é que foi um filho repleto de honra e de nobreza. De fato, aquele que era filho da Virgem era também filho do Pai celeste e terno, verdadeiro Deus e verdadeiro homem. Mãe alguma tem nem jamais terá uma alegria igual.

Essas são as sete alegrias que a Virgem Maria teve do seu Filho, alegrias tão grandes e maravilhosas que encheram toda a sua vida interior e exterior de doce felicidade. Ela é a casa que *a sabedoria construiu*<sup>15</sup> e entendeu para ela sete colunas, ornamento das sete

---

Adão e Eva é provocada pela sua expulsão do paraíso terrestre e não pela morte do filho Abel.

<sup>10</sup> Cf. 2Samuel 18,14.

<sup>11</sup> Cf. 2Samuel 19,1.

<sup>12</sup> *Sermão 200*, 1,2: Santo Agostinho, *Discorsi IV/1*, Città Nuova, Roma 1984, p. 111. (Nuova Biblioteca Agostiniana, Opere di Sant’Agostino, vol. XXXII/1).

<sup>13</sup> Cf. *Aristóteles, Rhetorica*, 1405<sup>a</sup> 12; 1410<sup>a</sup> 20; 1418<sup>b</sup> 4.

<sup>14</sup> Cf. Lucas 2, 51

<sup>15</sup> Cf. *Provérbios* 9, 1

alegrias. “*Por isso – diz a Virgem Maria diante dessas alegrias – todas as gerações hão de chamar-me de bendita*”<sup>16</sup>. Alguém, porém, poderia dizer: “Espera um pouco, Virgem Maria, porque jamais tiveste do teu Filho uma alegria tão grande como a dor que terás dele. Teu sorriso haverá de misturar-se com a dor. *O máximo da alegria é ocupado pela dor*”<sup>17</sup>. De fato, assim como tiveste do filho sete alegrias, da mesma forma terás sete dores, que serão como espadas a traspassar-te a alma”.

Vejamos, pois, estas sete espadas que hoje traspassaram a alma da Virgem mãe Maria e he enchera a alma e o corpo de profunda amargura.

A primeira espada foi quando viu o Filho preso e amarrado; a segunda, quando viu elevado na cruz e pregado no madeiro; a terceira, quando o viu abandonado por todos: a quarta, quando o viu chorado profundamente por todas as criaturas; a quinta, quando o viu ignorado e crucificado pelos Judeus; a sexta, quando o viu, imerso na dor e depois de um forte grito, privado da vida física; a sétima, quando o viu recluso firmemente no sepulcro, coberto por uma pedra.

A primeira espada de dor foi quando io viu preso e amarrado. Como diz o Everageho, Nossa Senhora não estava presente quando Cristo foi traído por Judas, amarrado e capturado pelos Judeus na noite da Quinta-feira Santa. Nossa Senhora esprrava que Cristo voltasse para casa para comer a Páscoa com ela, como havia feito com os seus discípulos. Mas eis que, ao cair da noite, chegou até ela um mensageiro com os cabelos desalinados e disse: “*Ó Virgem, filha de Sião, meu povo, levanta-te e veste o cilício, derrama cinza na tua cabeça e chora amargamente*”<sup>18</sup>. Ao ouvir tais palavras, seu coração encheu-se de amargura e disse ao mensageiro; ‘Por que, filho, deveria fazer isso? Estou esperando este noite o bem da minha alma, o rei dos anjos, que vai comer a Páscoa comigo. Por que dizes isso?’ Respondeu o mensageiro: “Minha Senhora, mãe de Jesus de Nazaré, a tua esperança se desfez, porque o teu filho Jesus Cristo foi traído pelo discípulo Judas. Foi capturado pelos Judeus como um ladrão e cruelmente amarrado; foi renegado por Pedro e abandonado por todos os amigos. Ao ouvir isso, o coração de Maria se tornou como de cera a derreter-se no meio do seu peito<sup>19</sup>. E logo, como morta, disse chorando: “*Quem porá água na minha cabeça e uma fonte de lágrimas aos meus olhos para chorar noite e dia?*”<sup>20</sup>. Está preso e amarrado o meu filho, a minha alegria e minha coroa. Jesus Cristo, filho meu, meu filho Jesus Cristo! Que fizestes, m,eu filho? Onde está a coragem de Pedro que dizia: “*Ainda que eu tenha de morrer contigo, não te negarei?*”<sup>21</sup>. Onde está o conforto de Tomé que dizia: “*Vamos nós também para morrermos com ele*”<sup>22</sup>. Onde está o grande amor dos discípulos que prometiam suportar grandes coisas por ti? Onde está a multidão que aclamava: “*Bendito aquele que vem em nome do Senhor, Deus de Israel?*”<sup>23</sup>. Onde está o rei dos anjos e dos céus? Oh, como é vã a esperança humana! Pobre de mim! Que fazer? Por que meu filho está só e abandonado? Meu dulcíssimo filho, que fará agora a tua triste mãe? Hoje tu és espada de dor e de morte para a tua mãe desolada. Onde poderei encontrar-te agora, meu filho? Onde te encontrarei? Onde ouvirei a tua voz? Onde te encontrarei operando milagres?”.

---

<sup>16</sup> Lucas 1,48.

<sup>17</sup> Cf. *Provérbios* 14, 13.

<sup>18</sup> Cf. *Jeremias* 6, 23ss.

<sup>19</sup> Cf. *Salmo* 21 (22), 15.

<sup>20</sup> Cf. *Jeremias* 9, 1.

<sup>21</sup> Cf. *Mateus* 25, 35.

<sup>22</sup> Cf. *João* 11,16.

<sup>23</sup> Cf. *João* 12,13.

Eis que teu filho foi entregue às mãos dos pecadores. Angustiada e em prantos, eis que percebe a chegada de um grupo de mulheres que choravam: eram suas irmãs, Maria Madalena e muitas outras que, juntas, choravam e, clamando, perguntavam: “Onde está a Mãe de Deus? Onde está esposa de Cristo? Onde está a Mãe dolorosa de Nosso Senhor?”. Ao entrarem na casa, encontraram-na como morta. Ao ouvi-las chorar, sua dor aumentou e dizia em pranto: “Ó anjo, tu me enganaste. Tu me proclamaste cheia de graça<sup>24</sup>, mais estou repleta de amargura; tu me anunciaste que o Filho de Deus estava comigo<sup>25</sup>, mas ele está preso com grande desonra; tu me proclamaste bendita entre todas as mulheres<sup>26</sup>, mas sou amaldiçoada entre as mulheres” E acrescentou em seguida; “Judas traidor, por que traíste meu filho que tanto bem te fez?” Ele te havia perdoado o pecado de homicídio, te havia tirado da condição mundana, te havia feito seu apóstolo e, entre todos os apóstolos, ele te fizera administrador”.

Depois, em pranto, pôs a rezar a dizendo: “Pai santo, que sois misericordioso e benigno<sup>27</sup> para com todos, não sejas cruel com o vosso Unigênito, meu filho. Será que ele vai morrer? Peço-vos que não morra. Libertai-o das mãos dos pecadores<sup>28</sup>. Ó Pai, ele por obediência e respeito a vós não quer salvar-se a si mesmo. Deixou-me prender e encontra-se agora impotente no meio deles. Ajudai-o, ó Pai bondoso”. Terminada essa oração, Maria disse: “Ó minhas queridas irmãs, ó Madalena, vamos procurar o meu filho”.

Chorando, puseram-se a caminho do templo e encontraram os aguardas da cidade que disseram: “Por que, bendita senhora, te consumes de dor? Por que as dores que sofres são como a de uma mulher que está para dar à luz?”<sup>29</sup>. Ela respondeu: “Sofro e não paro de chorar, porque o meu consolador afastou-se de mim<sup>30</sup>. Perco-vos que tendes pena de mim: se o vistes, dissei-me onde está, porque eu o procurei mas não encontrei”. Eles responderam: “Por que pedes que te digamos onde está? Se queres, dize-nos, ó bela mulher<sup>31</sup>, como era o teu filho”. E a Virgem respondeu: “Filhos queridos, meu filho era o mais belo entre os filhos de homem<sup>32</sup>, em quem até os anjos desejam fixar o olhar<sup>33</sup>”. Eles retrucaram: “Talvez o teu filho seja como tu dizes, mas há pouco o vimos preso, amarrado e arrastado pelos cabelos, levado vergonhosamente como um ladrão, com espadas, lanças e tochas<sup>34</sup>”. E Maria: “Então está ainda vivo o meu filho?”. Responderam: “Sim está vivo, mas está sofrendo imensamente”. E Maria: “Vou vê-lo, antes de morrer de dor”

Dirigiu-se, pois, à casa de Caifás e, queria entrar, mas foi impedida devido à multidão de soldados. De fora, ouvia o clamor dos Judeus que o ridicularizam e blasfemavam contra o seu filho, mas não conseguiu vê-lo. Olhando, porém, para dentro, viu que lá estavam João e Pedro e com isso as mulheres sentiram-se mais confortadas. E ali ela ficou esperando Pedro e João para falar com eles. Quando os dois saíram, chamou Pedro e lhe disse: “Pedro, meu filho, meu irmão e amigo, que está acontecendo com o meu filho, o teu mestre?”. E ela viu o olhar de Pedro cheio de tristeza e seus olhos

---

<sup>24</sup> Cf. *Lucas* 1,28.

<sup>25</sup> Cf. *Ibidem*

<sup>26</sup> Cf. *Lucas* 1,42.

<sup>27</sup> Cf. *Joel* 2,13.

<sup>28</sup> Cf. *Salmo* 81 (82), 4.

<sup>29</sup> Cf. *Miquéias* 4,9.

<sup>30</sup> Cf. *Lamentações* 1,16.

<sup>31</sup> Cf. *Cântico* 5,9.

<sup>32</sup> Cf. *Salmo* 44 (45), 3.

<sup>33</sup> Cf. *1Pedro* 1,12

<sup>34</sup> Cf. *Mateus* 26,55.

inchados de dor pelas lágrimas que havia derramado depois de negar Jesus”. E Pedro lhe disse: “Ó Senhora do mundo e rainha do céu, está certa disso: teu filho está mais morto que vivo. Nunca vi, ó senhora, um filho de mãe pobre ser tão cruelmente golpeado e flagelado”. E Maria: “Por que isso? Meu filho não deu a luz aos cegos, não curou os doentes, não limpou nos leprosos, não ressuscitou os mortos<sup>35</sup>. E Pedro respondeu: “Se não acreditas, Senhora, entra no templo, olha e observa se reconheces o teu filho”.

E a bem-aventurada Maria entrou no templo. Ao ver o filho amarrado a uma coluna, o rosto coberto, totalmente nu, exclamou: “Este não é o meu filho. Meu filho é o mais belo entre os filhos dos homens e este está todo ensangüentado e desfigurado”. De fato, toda beleza havia desaparecido dele e sua cor se mudara em palidez. Via seu filho como morto e maltratado e, tomada de violenta angústia, não conseguia falar com ele, mas, dirigindo-se aos Judeus, clamava: “*Escutai, ó céus! Atenção, terra!*”<sup>36</sup>. Escutai, ó filhos da iniquidade, filhos celerados, escutai, esconjuro-vos, Judeus cegos, que golpeais e desonrais o seu rosto com cuspes e bofetadas. Por vós, ele feriu os egípcios, conduziu os vossos pais *a pé enxuto pelo meio do mar*<sup>37</sup>, enquanto que os carros do Faraó eram cobertos pelas águas. Amarrastes à coluna este meu filho que *por quarenta anos caminhou à vossa frente no deserto numa coluna de nuvens*<sup>38</sup>. Este, que vós castigais amarrado a uma coluna do templo, por vós castigou o Faraó. Ai de mim, Maria, cheia de amargura. E agora, filho meu, o que ouço dizer?. Ó tu, o mais santos dos santos, cuja voz eu costumava ouvir no templo quando ensinavas e pregavas ao povo judeu. Agora tua voz tornou-se rouca pelos tormentos. *Escutai, ó céus! Que a terra escute, com tudo que nela existe porque ao bem que ele fez recebe agora em troca o mal*<sup>39</sup>(???). Em troca do seu ensinamento de salvação recebe bofetões acompanhados de ultrajes”. Tão fortes são as lamentações de Maria em relação ao seu filho que os Judeus, cheios de iniquidade, a expulsam do templo junto com suas companheiras. Fora do templo, suas companheiras, cansadas de chorar, são vencidas pelo sono. “Eu fiquei sozinha e os meus olhos não conseguiam enxugar-se as lágrimas. A aurora vai chegando lentamente. Ouço o ressoar das trombetas e o som dos instrumentos. Renova-se a minha dor, porque entendo que está próxima a condenação do meu filho”. Diante disso, exclama: “Levantai-vos, filhas de Sião, irmãs minhas. Veremos uma legião de anjos implorando a luz do céu, porque a vida do mundo cai nas trevas e morre”. Todas se levantam chorando.

Abre-se a porta do templo. Eis que uma multidão de gente armada o conduz com as mãos amarradas como se fosse um malfeitor. Vendo-o amarrado de maneira tão vergonhosa, as vísceras de Maria enchem-se de compaixão por seu Filho. Olha para ele, mas quase não o reconhece, porque as mãos dos iníquos tinham desfigurado o seu rosto. Devido à confusão e a multidão de gente, Maria não consegue aproximar-se do filho e falar-lhe.

O filho da Virgem Maria é levado diante de Pilatos. Era como um manso cordeiro no meio de lobos vorazes prestes a devorá-lo. A Virgem Maria via que acusavam seu filho e que ninguém assumia sua defesa, porque ninguém se preocupava em salvá-lo. E todo o povo gritava: “Tira-o do nosso meio, crucifica-o, é réu de morte”. Maria, imersa em amargura sem limites, queria responder a todos em nome do filho, mas não podia porque

---

<sup>35</sup> Cf. Mateus 11,5.

<sup>36</sup> Cf. Isaías 1,2.

<sup>37</sup> Cf. Êxodo 14,29.

<sup>38</sup> Cf. Números 32,13.

<sup>39</sup> Cf. Isaías 1,2; 34,1.

sua garganta estava seca e sua voz não podia ser ouvida devido à multidão daqueles que gritavam: “Crucifica-o”.

De novo, os ímpios se aproximam e com mais golpes flagelam o seu filho, nosso Senhor, coroadado de espinhos. Tiram-lhe a roupa, vestem-no com um manto de púrpura e se ajoelham diante dele caçoando: ‘Salve, rei dos Judeus!’<sup>40</sup>. Por isso, Nossa Senhora, a Virgem Maria chorava amargamente, porque não podia dar nenhuma ajuda ao seu filho, Jesus Cristo. Clamando, dizia: “Ó Judeus, não flageleis tão cruelmente o mio filho! Tem piedade do meu filho, ou então juntai-me a ele nos mesmos tormentos!”.

Pilatos, para sondar o coração dos Judeus, pergunta qual dos dois querem que ele solte. Grita o povo mau e cego e pede que seja solto Barrabás e que Jesus seja crucificado. Maria exclama: “Ó perfidos Judeus, inimigos da verdade, escolhestes a morte e condenastes a vida. Mudai vosso veredicto, considerai o direito, porque condenastes um inocente e rejeitastes o Criador. Ó Judeus, tendes um coração mais duro do que as pedras, que as minhas lágrimas não conseguem comover! Filho querido, consolo de de tua mãe, refúgio dos pobres! Esta pobrezinha está atormentada, meu Filho, agora não cessam de chorar estes meus olhos que antes não sabiam chorar. Antes eu desconhecia o pranto e nunca tinha experimentado a angústia, mas agora tornei-me mestra no pranto e experta na dor e no sofrimento”.

Nisso, a multidão põe-se a gritar: “Crucificai-o! Condenai-o ao patíbulo da cruz”. Ao ouvir isso., Maria desfalece. Todavia, levantand-se do chão, começa a dizer: «Línguas bifurcadas, falsas testemunhas! Ontem acolhestes o meu filho em Jerusalém com honras e louvores, estendendo mantos pelo caminho e proclamando: “Bendito aquele que vem em nome do Senhor”<sup>41</sup>, e agora gritais: “Crucifica-o” e o condenais à morte. Bem diz o salmista: “*As cordas da morte, ou gemidos de morte, me apertavam, eu estava preso nas redes do abismo*”<sup>42</sup>» (???)

Isso em relação à primeira dor.

A segunda dor de Maria foi quando viu seu filho levantado na cruz. Levam-no ao suplício, sob o peso da cruz e coroadado de espinhos. Jogam sujeira na sua cabeça. Ao ver isso, Maria exclama dizendo: “Filhas de Sião, vinde e vede o meu filho com uma coroa de espinhos cravada na cabeça pela sinagoga dos Judeus. Vede o cordeiro imaculado condenado à morte vergonhosa. Que posso fazer eu, pobrezinha, agora que Jesus que, no anúncio do anjo, eu concebi por obra do Espírito Santo, é levado nu ao patíbulo da cruz?”

Quando viu o filho despido de suas vestes, comoveu-se nas suas vísceras, saiu correndo e os soldados, relutantes, permitiram que se aproximasse do filho. Cingiu-o com o seu véu. Depois, voltando-se para os Judeus, dizia: “Sois mais cruéis que as feras. Não tendes vergonha de agir tão ferozmente contra o meu filho? O que foi que ele fez para ser despido por vós diante da multidão?”. E voltando-se para as mulheres, acrescentou: “Ó vós todas, vede que estou profundamente desolada e ninguém há que me console. Enfraqueceu-se a minha salvação, foi-me tirada a vida, fui privada da minha alegria. Sim, Maria, grande como o mar é a tua aflição”.

Depois de despido, é pregado na cruz com grandes pregos. Maria diz: «Ó povo cego, que fizestes? Com pregos perfurastes os pés daquele que vos abriu a passagem pelo mar; pregastes no madeiro da cruz as mãos daquele que vos libertou do Egito, com mão

---

<sup>40</sup> Cf. Mateus 27,29.

<sup>41</sup> Cf. Mateus 21,8-9.

<sup>42</sup> Cf. Salmo 115 (116),3 (???)



forte e braço estendido<sup>43</sup>».

Estava a mãe de Jesus de pé junto à cruz<sup>44</sup> e o abraçava. Chorando, beijava o sangue que da cruz jorrava sobre a rocha, onde a cruz fora plantada e dizia: «Ó míseros Judeus, devolvi à mãe dolorosa o corpo ferido do seu filho. Agora já levastes ao extremo o vosso furor e a vossa maldade. De fato, dilaniastes com flagelos toda a sua santa carne, o crucificastes como um ladrão no meio de ladrões; derramastes todo o seu sangue: perfurastes o seu corpo com uma lança. Devolvi agora à mãe dolorosa o corpo do seu filho, depois que levastes ao extremo o vosso furor. Se não o quiserdes fazer, colocai na cruz a mãe junto com o filho, crucificai-me com ele. Meu filho, como poderá tua mãe viver sem ti, uma vez que um só espírito, uma só carne e um só amor unem mãe e filho? Filho querido, tantas e tão profundas são as feridas, que já não há em ti qualquer aparência humana<sup>45</sup>, a tal ponto de maltrataram.

Isso em relação à segunda dor.

A terceira espada foi quando o viu abandonado por todos. Guarda-te, alma devota, de colares tua esperança no mundo. Diz o salmista: “*Maldito o homem que confia e outro homem*”<sup>46</sup>. Quem, pois, poderá confiar no mundo se o Filho de Deus, por cujo inetrnmédio o mundo foi criado, não pôde confiar nele? No Domingo de Ramos toda a cidade o acolheu com grande alegria, mas tal alegria logo se esvaiu como sombra ou fumaça. No prazo de seis dias tal glória acabou e aquele a quem haviam chamado de rei no dia do senhor, hoje o mataram com morte cruel. Todos os seus amigos o abandonaram. Ninguém ficou do seu lado, ninguém se oôs a Pilatos, ninguém o reconheceu, a não ser o ladrão que lhe pediu perdão: ele sofrera ao lado de Jesus o castigo dos seus pecados.

O Filho do Homem grita no alto da cruz: *Eli, Eli*<sup>47</sup>. Assim Ambrósio comenta essas palavras: Será que o Pai tinha abandonado o Filho no momento da morte, sendo que o Pai sempre está com o Filho e o Filho no Pai? De jeito nenhum. Mas o Filho de Deus se diz abandonado, porque ninguém, com exceção do ladrão, reconhece os frutos da sua paixão<sup>48</sup>.

Exatamente por isso, Maria chorava ao pé da cruz e dizia ao seu amado: «Filho querido, os olhos de tua triste mãe não cessam de chorar. Minhas lágrimas são lágrimas de morte. Filho, tu estás nu e sozinho na cruz, abandonado por todos. Onde estão os apóstolos que tanto amaste? Onde estão os discípulos aos quais ensinastes? Onde está Pedro que dizia estar pronto para enfrentar a prisão e a morte?<sup>49</sup>. onde está Tomé que dizia: “Vamos nós também, para morrermos com ele”<sup>50</sup>. Onde estão os mortos que ressuscitastes? Onde está Lazaro que tanto amavas?<sup>51</sup>. Onde estão os doentes sem número que tu curaste? Ninguém veio a ti, ninguém se aproximou da cruz.; Filho, eu não sabia o que era tribulação. Agora fiquei experta no sofrer, estou repleta de dor, porque te vejo morrer abandonado por todos, segundo as palavras de Isaías: *Olhei, não*

---

<sup>43</sup> Cf. *Deuteronomio* 5,15.

<sup>44</sup> Cf. *João* 19,25.

<sup>45</sup> Cf. *Isaías* 53, 2.

<sup>46</sup> Cf. *Jeremias* (???), 17,15.

<sup>47</sup> Cf. *Mateus* 27,46.

<sup>48</sup> Cf. *De incarnationis Dominicæ sacramento* 5, 37; *De Fide* I, 8,55.

<sup>49</sup> Cf. *Mateus* 26,35.

<sup>50</sup> Cf. *João* 11,16

<sup>51</sup> Cf. *João* 11,5.

*havia quem me ajudasse; pasmei, não havia quem me apoiasse*<sup>52</sup>».

Isso em relação à terceira dor.

A quarta espada foi quando o viu ignorado pelos Judeus e objeto da ingratidão deles. É claro que esta é uma dor imensa. De fato, grande é a dor quando eu te sirvo e tu não queres servir-me; a dor é maior ainda quando eu te servi e tu me largas no esquecimento; mas a dor atinge seu grau máximo quando, em troca do benefício recebido, tu me ofendes e pagas o bem com o mal<sup>53</sup>, a honra com a injúria e o amor com o ódio<sup>54</sup>. Diz o Eclesiástico: *Pagam-no com injúrias e maldições e, pelas honras e o benefício, lhe retribuem com a ofensa*<sup>55</sup>. Assim eram os malditos Judeus. Esta era a dor intensa e a espada da Virgem bendita.

Por isso, ao pé da cruz, ela chorava: «Anjos, céu, terra, homens, povos todos, vide e considerai se já vistes algo mais injusto do que isso se já ouvistes falar de malvadez maior do que esta. Vede, pois, os benefícios que ele fez aos Judeus. Meu filho querido os libertou de uma escravidão de cinco mil anos e do poder do Faraó. Conduziu-os por quarenta anos pelo deserto<sup>56</sup> e fez chover sobre eles maná para nutri-los<sup>57</sup>. Além disso, em tão longo percurso suas vestes não se envelheceram pelo uso nem os calçados se gastaram em seus pés<sup>58</sup>. Em troca desse primeiro benefício, despojaram-no e lhe deram de beber vinho misturado com fel<sup>59</sup>. Para defendê-los, atingiu o Faraó, e em troca eles o feriram e o cravaram em cinco partes do corpo. E se isso não bastasse, por eles desceu do céu, falou, fez milagres e curou os enfermos. Em troca de tão grande benefício, derramaram todo o seu sangue e o penduraram numa cruz. Filho amado, minha alma está triste e as lágrimas derretem-me os olhos<sup>195</sup>, porque, em troca dos benefícios, te vejo coroadado de espinhos; em troca dos favores, te vejo nu na cruz; em troca de tantos serviços, te vejo condenado à morte cruel. Meu filho, esta é a quarta espada de dor que perfura o meu coração, a espada que traspassa a minha alma. Sobre essa espada, diz Isaías: “*Como filhos os fiz crescer e prosperar; eles, porém, se rebelaram contra mim. O boi entende o seu proprietário, o burro conhece a cocheira do seu dono*”<sup>60</sup>.

Isso em relação à quarta dor.

A quinta espada da Virgem foi quando viu seu filho pranteado por todas as criaturas. Por isso, a sua dor crescia porque jamais houve um rei ou iimperador que fosse chorado com tanta intensidade. É costume que, quando morre um homem importante ou um príncipe, todos os de sua família s cistam de luto. Desta forma, para aqueles que os vêem a dor aumenta mais ainda. Da mesma forma, a dor se torna mais aguda quando à casa do defunto chegam amigos e parentes que lamentam em choram em alta voz. Certamente é assim que hoje acontece com a Virgem Maria. De fato, o mundo inteiro chorou profundamente e intensamente a morte do seu criador e do seu príncipe: um tremor o abalou totalmente. Como diz Bernardo, a estrutura do mundo está totalmente

---

<sup>52</sup> Cf. *Isaías* 63,5.

<sup>53</sup> Cf. *Jeremias* 18,20.

<sup>54</sup> Cf. *Salmo* 108 (109), 5.

<sup>55</sup> Cf. *Eclesiástico* 29,9.

<sup>56</sup> Cf. *Deuteronômio*, 29,5.

<sup>57</sup> Cf. *Salmo* 77 (78), 24.

<sup>58</sup> Cf. *Deuteronômio* 29,5.

<sup>59</sup> Cf. *Mateus* 27,34.

<sup>60</sup> Cf. *Lamentação* 2,11

abalada e arruinada e todas as coisas voltam de novo ao caos primitivo<sup>61</sup>.

Uma vez que a paixão do seu dileto filho era chorada e lamentada em alta voz, a Virgem Maria chorava sempre mais e enchia-se de sofrimentos cada vez mais intensos. Quando ela viu que o mundo inteiro se vestiu de luto – de fato, a escuridão cobriu toda a terra até às três da tarde, pois o sol parou de brilhar<sup>62</sup> - então sua alma desfaleceu de dor<sup>63</sup> e, de pé junto à cruz, a abraçava e beijava, dizendo: “Filho querido, esperança da minha alma, alegria e coroa dos anjos, eis que tu morres e o sol, a luz e as estrelas sofrem junto pela tua morte, porque se escureceram; eis que tu morres e os anjos choram sobre os teus sofrimentos. Diz Isaías: “*Os arautos da paz choram com amargura*”<sup>64</sup>. Todos sofrem contigo, exceto os injustos Judeus pelos quais tu suportas tais sofrimentos. Vós, ó Judeus de mentes transviadas, mais duros que as pedras, mais insensíveis que a terra, por que não chorais a morte do vosso criador, do vosso salvador, junto com sua mãe angustiada? Rasgai vossos corações<sup>65</sup> como no dia das oliveiras vós rasgastes as vestes. Deixai de agir como perversos, sofri comigo que sou mãe sofredora”. Mas os corações dos Judeus são mais duros que as pedras. Essa e a quinta espada que traspassa a alma da Virgem, segundo diz Jeremias: “*Prestai atenção, povos todos, vede minha dor*”<sup>66</sup>.

A sexta espada foi quando viu o seu filho privado da vida física. Já era a hora nona; E a mãe, contemplando o rosto do seu filho, via-o morrer pouco a pouco e desfalecer na palidez da morte. Então, traspassada de dor mortal, respirou profundamente e disse ao filho: «Filho amado, chega a hora do teu passamento. Meu filho, tu foste obediente, bom, amável, doce e piedoso com tua mãe mais do que todos os filhos. Nesta hora, pois, escuta tua mãe desolada. Meu filho, tu falas com o ladrão. Fala também com tua mãe que está morrendo. Filho, tu sabes que nós somos um só amor, uma só carne, uma só vontade. Escuta, pois, as minhas súplicas e faze-me morrer contigo. Onde estiver o teu espírito, lá esteja também o meu. Onde estiver o teu coração, lá esteja o meu também. Sejamos ambos conduzidos ao mesmo suplício, a mãe sofredora e o filho crucificado. Vejo-te a chorar e eu também choro. Vejo-te angustiado e eu também estou. Vejo-te morrer e eu também morro. Por isso, responde-me, filho meu, porque quero morrer contigo».

Diante dessas palavras, o filho amado, voltando a cabeça na direção da mãe e sofrendo mais pela dor da mãe do que pela própria morte, respondeu: «Ó mãe, mais amada do que todas as mães, rainha e senhora dos anjos, não chores e não te angusties pelo teu filho. Tu sabes, mãe, donde eu vim, isto é, do céu, e por que vim, isto é, para morrer pela salvação do mundo. Sei para onde vou, para o Pai. Não chores, pois, rainha do céu, porque a minha morte é a vida do mundo, o meu sangue é a purificação dos pecados, a minha cruz é a chave do paraíso. Mas esta é a minha palavra: Ó tu, minha amada mãe! Eis aqui João, que te deixo como filho», assim narra o Evangelho de João: *Disse à sua mãe; depois disse ao discípulo*<sup>67</sup>.

«Este o testamento do meu filho. De fato, primeiro quis que fossem absolvidos dos pecados os Judeus, quando disse: *Pai, perdoai-lhes porque não sabem o que fazem*»<sup>68</sup>.

---

<sup>61</sup> Cf. *Isaías* 1,2-3

<sup>62</sup> *Opera*, V, ed. J. Leclercq-H.Rochais, Romae 1968, p. 61.

<sup>63</sup> Cf. *Lucas* 23,44-45.

<sup>64</sup> Cf. *Cântico* 5,6.

<sup>65</sup> Cf. *Isaías* 33,7.

<sup>66</sup> Cf. *Joel* 2,13.

<sup>67</sup> Cf. *Lament* 1, 18

<sup>68</sup> Cf. *João* 19,26.

Depois, prometeu o paraíso ao ladrão arrependido: *Hoje estarás comigo no paraíso*<sup>69</sup>. Para mim ele deu João. Numa troca dolorosa, o soldado é deixado no lugar do rei, o servo no lugar do patrão, o discípulo no lugar do mestre! E entregou o seu espírito nas mãos do pai, dizendo: *Em tuas mãos entrego o meu espírito*<sup>70</sup>. No sepulcro, deixou o seu corpo, e aos seus discípulos, sofrimentos e perseguições, quando disse: *Quem não tiver espada, compre-a*<sup>71</sup>».

Mas como foi esse legado, pergunto a Pedro que foi crucificado, e a Paulo que foi decapitado e aos outros. Depois, a Virgem voltou-se para o Filho e disse: «Meu filho, sumamente amado, não me deixes sem ti, porque viver sem ti é para mim uma morte dolorosa».

Lentamente, o Filho de Deus se aproximava da morte e seu sangue fluía sem interrupção. Improvamente, começou a mudar totalmente de aspecto e em voz alta exclamou: *Tudo está consumado!*<sup>72</sup>. E, ao dizer isso, entregou o espírito. Nossa Senhora, vendo-o em tão grande tormento e forte angústia, sentiu-se desfalecer, atingida por uma flecha mortal e caiu ao pé da cruz como morta, de tal forma que já não conseguia falar nem respirar. João e as três Marias que estavam com ele, a seguravam nos braços. Ó alma fiel, vê quantas dores sofreu a Mãe de Deus, quanta efusão de lágrimas, quantos suspiros e lamentos. Ó almas cristãs, pensai na dor que sofreu a Virgem Maria, quando viu seu filho, lírio dos lírios e rei dos anjos, morto e pendente da cruz. Ó homem cruel, chora profusamente ao ver a imensa dor da Mãe de Cristo, prostrada diante cruz e transpassada por um espada espiritual.

Essa é a sexta espada que traspassou a sua alma, segundo as palavras de Jeremias:

*Para sempre ficará minha tristeza, ele deixou-me arrasada*<sup>73</sup>.

A sétima espada de dor foi quando véu o seu dileto filho, posto debaixo da pedra. Já chegava o fim do dia, de tal modo que o corpo de Cristo ficou morto na cruz das três da tarde até o fim da tarde. Nessa hora, José, um membro do sinédrio, chega com Nicodemos trazendo perfumes e outros objetos para retirar o corpo de Jesus<sup>74</sup>. Quando a Virgem gloriosa os viu, seu espírito recobrou alento. Tiraram o corpo de Jesus. João de um lado e Maria do outro o abraçavam e beijavam-lhe o braço. Maria lança-se sobre o corpo do filho e desfalece. Depois levanta-se e põe-se a chorar abundantemente. Vendo que José queria envolver o corpo de Jesus com faixas, Maria exclama: «Filhos, não sepulteis logo o meu filho ou então sepultai-me com ele. Ó vós todos que passais pelo caminho, vinde junto a mim e chorai pelo meu filho. Vede como jaz o sol da justiça, o pai dos pobres e o rei dos anjos. Pobre de mim! Que posso dizer? Vejo à minha frente meu filho cheio de feridas e nele não há mais qualquer aparência humana. Ele que era o mais belo dos filhos dos homens tornou-se motivo de escárnio para todo o povo».

Por fim, o enfaixaram. Ela lhe segurava a cabeça e, vendo-o tão maltratado, com a barba arrancada e o rosto sujo de cuspes, chorava amargamente e dizia: «Meu amado filho, eis que estás no meu colo. É duro para mim velar-te o rosto. Teu Pai não quis ajudar-te e eu nada pude fazer. E tu te entregaste pela salvação do gênero humano, que quiseste redimir com uma morta atroz e vergonhosa. Meu filho, acabou-se agora a nossa vida juntos e é

---

<sup>69</sup> Cf. *Salmo* 88 (89), 4.

<sup>70</sup> Cf. *Lucas* 23,24

<sup>71</sup> Cf. *Lucas* 23,43.

<sup>72</sup> Cf. *Lucas* 23,46

<sup>73</sup> Cf. *Lucas* 22, 36

<sup>74</sup> Cf. *João* 19,38-42

preciso que eu me separe de ti. Eu mesma te sepultarei, eu, tua mãe dolorosa. E depois para onde irei e como poderei viver sem ti? De boa vontade eu me sepultaria contigo, para estar ao teu lado onde estiveres. Mas, porque não posso ser sepultada corporalmente, vou sepultar com teu corpo a minha alma: eu a entrego a ti». E as lágrimas lhe corriam tão abundantes que lavavam o rosto e a cabeça de Jesus.

Depois, em pranto, o levaram ao sepulcro e nele o depositaram. José, discípulo de Jesus, fechou o sepulcro. A Virgem Maria pôs-se a beijar a pedra e não conseguia afastar-se do lugar. Como dizem os santos, principalmente Bernardo<sup>75</sup>, aproximam-se do sepulcro de Jesus mais de mil legiões de anjos que cantam e exultam pela ressurreição da vida e pela revelação da glória celeste. E enquanto cantavam, a Virgem chorava e dizia: «Filho querido, hoje tua mãe ficou viúva. Tu eras para mim pai, mãe, filho, esposo. Onde vou encontrar-te, meu pai, meu esposo, meu salvador, meu filho, agora que foste fechado no sepulcro com uma pedra? Já não posso nem ver-te nem tocar-te. Aquele que o mundo inteiro não pode conter, está recluso debaixo de uma pedra».

Finalmente, tarde da noite, a Virgem Maria levantou-se, abraçou o sepulcro e bendisse a Jesus dizendo: «Não posso ficar mais tempo contigo, meu filho. Recomendo-te ao Pai, e a ti, meu filho, recomendo a minha alma, que entrego em tuas mãos. Essa foi a sétima espada que traspassou a minha alma: era preciso que eu deixasse o meu filho».

Assim rezou junto ao sepulcro e depois encaminhou-se rumo à cidade, vestindo o hábito da viuvez e amparada por José e Maria Madalena. Os seus lamentos eram tão fortes que suscitavam lágrimas em todos os que encontrava. Piedosas mulheres acorriam de todos os lados e perguntavam: «Quem é esta que chora tão amargamente?» Ela mesma respondeu: «Sou a mãe dolorosa do crucificado, que vós condenastes ao patíbulo da cruz. Meu filho desceu do céu para redimir o gênero humano. Mas aquele que redimiou os homens sofreu nas mãos dos homens». Todos então choravam e diziam: «Hoje os nossos chefes cometeram uma grave injustiça com o filho desta senhora. Vejam bem o que fizeram».

Chegaram finalmente à casa onde Jesus havia celebrado a Páscoa com os discípulos. Maria voltou-se para as mulheres que a acompanhavam e agradecendo-lhes a companhia. E todas elas, pondo-se de joelhos, choravam amargamente. Depois Maria entrou na casa com Madalena e as suas irmãs. João, agradecendo as mulheres, fechou a porta. Então Maria disse: «João, filho querido, por que deixas meu filho lá fora? Não virá ele talvez e ficará olhando ao redor da casa?». E acrescentou: «Filho querido, onde estás, porque não te vejo aqui? João, onde está meu filho? Madalena, onde está teu mestre que te amava tanto? Queridas irmãs, onde está o vosso irmão? Foi-se para longe de nós a nossa alegria, a nossa doçura, a luz dos nossos olhos e, o que mais dói, foi-se embora todo ferido, dilacerado, manchado, ensangüentado e nada pudemos fazer por ele. Todos o abandonaram e nem o Pai quis socorrê-lo e ajudá-lo. Como aconteceram rapidamente essas coisas, queridas irmãs! Jamais a paixão do mais malvado dos homens foi tão rápida nem sua condenação tão precipitada. Meu filho, foste preso durante a noite, pela manhã foste entregue ao governador, ao meio-dia foste condenado e já estás morto e sepultado. Meu filho, quão amarga é a separação provocada pela tua morte ignominiosa!» João e as irmãs dela queriam consolá-la, mas em vão. Ela mesma não conseguia receber consolo.

Se tu, ó alma devota, soubesses consolá-la e confortá-la, deverias tomar muito deste

---

<sup>75</sup> Pseudo-bernardo, *Liber de passione Christi*: PL 182, 1140A.

alimento, porque ela está em jejum (??). Por isso, empenha todas as tuas forças para consolar a Senhora e solidariza-te com ela com toda a tua alma e o teu afeto, para que tu possas unir-te a ela agora chorando a morte do seu Unigênito, e no futuro, alegrar-te com ela na vida eterna. Que Jesus Cristo, crucificado por nós, nos obtenha esta vida. Amém.

## II. SERMÃO ANÔNIMO SOBRE A HUMILDDADE

Numa coletânea de sermões dos séculos XIV-XV, que estava outrora no convento de Santíssima Anunciada de Florença, há um sermão intitulado *De Humilitate*, escrito certamente por um frade Servo de Maria, o qual reporta um *exemplum* tirado de uma *Legenda* desconhecida, segundo o qual a Virgem teria aparecido em visão a Filipe, para convencê-lo a não aceitar uma sua eventual eleição ao pontificado. Este fragmento biográfico, conservado na versão italiana do século XVII, foi transcrito pelo mestre Antônio Fabbri (1636-1713), bibliotecário do convento da Santíssima Anunciada, no códice *Catalogus auctorum qui de sanctitate et miraculis b. Pilippi Benitii Ordinis Servorum b. Mariae Virginis scripserunt* (conservado em Roma no Arquivo Geral OSM, fondo *Annalistica*).

Edição: D. M. MONTAGNA, *Ramenta mariana medioevalia*, 3. *Santa Maria persuade san Filippo Benizi (1233-1285) a rifiutare la proposta del pontificato*, “Mariuanum”, 47 (1985), p. 228-229.

A Santíssima Virgem iniciadora da nossa santa Ordem. Assim como ela, neste pobre mundo, embora fosse Mãe de Deus, não quis ser exaltada em nada, vivendo, pelo contrário, sempre humilde<sup>76</sup> - como diz o versículo do seu cântico, isto é, *olhou para a humildade de sua serva* -, da mesma forma e mais intensamente ela quis e quer que sejam humildes os seus servos e santos neste pobre mundo. Como se lê<sup>77</sup> a respeito do nosso bem-aventurado Filipe, chefe de todos: “Querendo o povo romano elegê-lo para sumo pontífice, apareceu-lhe a Virgem Maria e lhe disse de não aceitar tal eleição”.

## III. ALBERTO BONCRISTIANI

### Introdução

Aberto Boncristaini de Florença, frade da Ordem dos \servos de Marioa, foi nomeado bispo de Forlì pelo papa isano João XXIII em 15 de abril de 1413. Martinho V, em 27 de abril de 1418, transferiu-o para a diocvese de Comacchio. Morreu em 1424.

Na Sexta-feira Santa [25 de março] de 1418, perante o papa Martinho V e os padres conciliares de Constança, proferiu a homilia sobre a passagem bíblica da liturgia da Paixão, tirada de *Isaias 53,5: Por suas chagas fomos curados*.

O texto, além de ser, no âmbito dos Servos de Maria, o primeiro documento de literatura homilética do início do século XV, é interessante pela sua teologia da cruz, por alguns aspectos da piedade mariana e pelas referências à conjuntura histórica da Igreja que, ferida pelo cisma e pelos pecados dos seus membros, também estava vivendo a paixão

---

<sup>76</sup> Cf. *Lucas* 1,48.

<sup>77</sup> Evidente alusão a uma *Legenda* hoje inexistente.

de Cristo.

Edição: D. MANSI, *Sacrorum Conciliorum Nova et Amplissima Collectio*, t. 28, Venetiis 1785, p. 611-626.

Bibliografia: A. M. ROSSI, *Elenchus omnium S. R. E. Cardinalium, Archiepiscoporum et Episcoporum ad Ordinem Servorum S. Mariae spectantium*, Istituto Storico OSM, Roam 1960, p. 20.

Homilia da Sexta-feira Santa:  
**Por suas chagas fomos curados**

*O autor, depois de um preâmbulo, divide a homilia em três partes, correspondentes às três palavras de Isaías 53,5: “por suas chagas”, “curados”, “somos”.*

**Preâmbulo**

[...]

Soluçando, com o coração aflito, a voz cortada pelo pranto e os olhos cheios de lágrimas, devo iniciar um discurso sério e duro, contemplando o mistério das chagas de Cristo. Sério e duro, Beatíssimo Padre, porque, enquanto Cristo sofre, a vida desfalece e morre. Como diz Anselmo de Canterbury em suas meditações: “Que será de nós? O caminho terminou, para onde iremos? Que acontecerá agora que a verdade é condenada, a justiça é interdita, a iniquidade avança, a misericórdia é ofendida, a lua se ofusca, as estrelas se dispersam, a amplitude e longitude infinita é presa da finitude e a eternidade é mensurada?”. Ó situação admirável, compaixão estupenda, amor inexplicável! Quem poderia compreender, aceitar e narrar essas coisas fora do contexto da fé?

[...]

Quem não sentiria dor ao contemplar essas coisas? Quem não experimentaria sofrimentos intensos? Será que existe alguém com o coração tão duro como o ferro capaz de sufocar a dor profunda e o fluxo das lágrimas ao ver que o mundo foi privado do seu criador, do seu guia e pastor?

«Acabou a alegria que nos enchia o coração, a dança virou velório. Caiu a coroa que nos ornava a cabeça»<sup>78</sup>. Chore, pois, chore, sofra e grite a terra inteira sobre si mesma, diante de tão profunda ferida, assim como se chora amargamente pela morte de um filho único<sup>79</sup>. Prorrumpa em gritos de dor a alma devota, privada da fonte de sua alegria, da sua paz, da sua beleza [...]. Chore e trema o universo inteiro, como diz Jerônimo no comentário ao Evangelho de Marcos. Toda criatura participa da paixão daquele que morre, a terra se comove, as pedras se quebram, o véu do templo se rompe, os túmulos se abrem. Só o mísero homem não participa da paixão que Cristo sozinho sofre por ele.

Por isso, a nossa Igreja católica militante deixa de lado nestes dias os cantos de alegria e toda ornamentação. Não ousa pedir a ajuda divina, omite a invocação no início dos seus ofícios litúrgicos<sup>80</sup>. Receia saudar a Mãe aflita junto à cruz e pedir proteção àquela que é

<sup>78</sup> Cf. *Lamentações* 5, 15-16a

<sup>79</sup> Cf. *Zacarias* 12,10.

<sup>80</sup> Nos ofícios da Semana Santa omite-se a fórmula inicial: “*Vinde, ó Deus, em meu auxílio. Socorrei-me sem*

sempre generosa em doar graças. A Mãe de Cristo está deveras aflita porque, como diz Anselmo, ela não está junto à cruz, mas sim pregada na cruz com o seu Filho. As feridas abertas no corpo do Filho, foram, ao mesmo tempo, abertas no coração da Mãe. Coisa admirável! A Virgem foi inteiramente abençoada nas chagas de Cristo; e mais: o Cristo inteiro foi crucificado nas profundas entranhas do seu coração.

Enquanto medito comigo essas coisas, confesso que meu ânimo vacila, minha mente enche-se de medo, meu coração endurece, minha língua emudece e se me cola ao paladar, porque - como escreve São Jerônimo a Heliodoro - se a nossa inteligência ousar ir além de suas forças, sucumbe. Somos privados da ajuda divina devido à morte de Cristo feito órfão, sem Pai, e sem a ajuda habitual da Mãe de Deus. «Aquele que dominava as nações parece uma viúva»<sup>81</sup>.

Meus caríssimos, para que o nosso discurso, por medo ou por pobreza, não seja inútil, se queremos receber a ajuda de que precisamos, firmamos o nosso coração, abramo-lo, ferindo-o com pregos e lanças, abraçando a cruz e as chagas de Cristo. Vindo ao nosso encontro, a Igreja proclama: a cruz é a nossa salvação, vida e ressurreição. De fato, pela cruz o inferno se desfaz e os demônios são afugentados, pisoteados, vencidos e esmagados. Pela Cruz a cidade do céu é restaurada e o caminho volta a abrir-se à nossa frente.

Por isso, no início desse discurso, eu peço que a Cruz ilumine os nossos corações e guie retamente a minha língua, para que eu consiga expor, com um discurso rico e prazeroso, este grande e inefável mistério, sem nenhum peso para vós, Santo Padre, e para os excelentíssimos senhores aqui presentes, proclamando humildemente com toda a santa Igreja: “Salve, ó cruz, nossa única esperança”.

Depois de implorar essa proteção, retomo com mais confiança o tema, isto é: “Pelas suas chagas fomos curados”.

## ***1. Por suas chagas***

*A primeira parte trata da necessidade da Paixão de Cristo como meio de purificação dos nossos pecados, e do modo como Cristo, sendo Deus, sofreu. Uma vez que Cristo é Deus e sua vontade é uma coisa só com a vontade do Pai, a paixão não atinge as faculdades da alma, onde não pode haver dor e tristeza. Mas o sofrimento físico de Cristo, que foi de extrema intensidade, envolve, de certa forma, também as faculdades espirituais, de maneira que a paixão de Cristo foi total, abrangendo a alma e o corpo.*

Isso aparece mais claramente ainda se se considera da parte de quem, em favor de quem e em que Cristo sofreu.

Da parte de quem? Da parte das nações e dos judeus, homens e mulheres: das servas que acusavam a Pedro e dos servos, segundo o Salmo 2, *Por que as nações se revoltam...?* Da parte dos familiares e conhecidos, como Judas que o traiu e Pedro que o negou. E também da parte dos amigos que o denunciaram, como se diz no salmo: “*Se fosse um inimigo que me insultasse, eu agüentaria*”<sup>82</sup>.

Por quem sofreu? Diz o apóstolo: por todos nós, vale dizer, pelos mais celerados inimigos, pelos escravos cheios de maldade, pelo povo totalmente corrompido, por uma semente sem valor, por um saco de esterco, por um alimento de vermes, por quem só

---

demora”

<sup>81</sup> Cf. *Lamentações* 1,1.

<sup>82</sup> Cf. *Salmo* 54 (55), 13.



despreza a sua majestade.

Em que sofreu? Na própria estima, devido às blasfêmias; na honra, pela irrisões e insultos; nas coisas de que foi despojado; na alma, pela tristeza e pelo temor; no corpo, pelos golpes e flagelação. E em todos os seus membros: na cabeça, com a coroa de espinhos pungentes; nas mãos e nos pés perfurados pelos pregos; no rosto, com bofetões e cusparadas. E em todo o corpo, os golpes da flagelação. E em todos os sentidos do seu corpo ele sofreu: no tacto, pela atroz flagelação; no gosto, pela amargura da sede; no olfato, ao ser pendurado na cruz do Calvário dos cadáveres; no ouvido, porque alvo dos gritos blasfemadores; na visão, porque via sua piedosa mãe em prantos. Como diz São Bernardo, era mais atormentado pela dor da mãe do que pelo sofrimento do próprio corpo. É isso que se constata claramente no Evangelho.

Mas, por que ir em busca de tantas e tais provas, quando profeta diz: «*Da sola dos pés ate o alto da cabeça não há nada de sadio?*»<sup>83</sup>. Por isso, diz Santo Hilário no X livro *De Trinitate*: «O unigênito Filho de Deus, para completar o sacramento da sua morte, acumulou em si todo tipo de sofrimento humano quando, inclinando a cabeça, entregou o espírito».

*O Filho de Deus – continua frei Aberto Boncristiani – preferiu salvar-nos mediante o sofrimento suportado pela justiça e não mediante a piedade concretizada em gestos de poder, para ensinar ao homem a não antepor o poder à justiça. [É claro que também o homem foi criado dotado de grandes possibilidades. Ele recebeu a incumbência de dominar o mundo criado. Mas o homem se tornou escravo pelo seu pecado. Supervalorizando suas possibilidades, encheu-se de soberba e de cobiça, fazendo-se imitador não de Cristo, mas do demônio que ama o poder e combate a justiça.*

*E a Igreja militante, à semelhança do seu esposo Jesus Cristo, é ferida de várias maneiras pela soberba dos homens. Com efeito, assim como Jesus, a Igreja é traída, despojada, flagelada, coroada de espinhos, ironizada e subjugada, pregada na cruz e perfurada no costado, donde, por milagre divino, jorram sangue e água. Esses sofrimentos atingiram a Santa Sé com o “cisma pestífero” que trouxe tantas trevas no meio dos fiéis. E no entanto, a Igreja ressurge, porque não pode acabar totalmente, como escreve o Apóstolo: Cristo, porém, orou por ti, para que a tua fé não desfaleça, e a sua oração foi ouvida<sup>84</sup>. A reencontrada unidade da Igreja não é obra humana, mas somente de Deus. É fruto da paixão de Jesus que reconduziu à unidade os filhos de Deus dispersos.*

Portanto, caríssimos, para que o fruto da paixão não se perca, amai-a vós que julgais a terra, aspirai por ela, abraçai-a, não se afaste de vossos lábios, instale-se no coração, tomai-a como vosso coroa, tende-a na mão como um cetro, nenhum temor vos afaste dela. Temei antes aquele que pode destruir a alma e o corpo no inferno<sup>85</sup>. Isso nos leve a fazer o contrário. Quando éreis inimigos de Deus, não fostes porventura reconciliados com ele pela morte do seu Filho?<sup>86</sup>. De fato, que adianta a alguém ganhar o mundo inteiro, se perde a própria vida<sup>87</sup>? Existe porventura um preço mais elevado do que este com que fostes resgatados? Ou existe amor igual ao amor daquele que não poupou o seu próprio Filho<sup>88</sup>?

---

<sup>83</sup> Cf. *Isaías* 1,6.

<sup>84</sup> Cf. *Lucas* 22, 32.

<sup>85</sup> Cf. *Mateus* 10,28.

<sup>86</sup> Cf. *Romanos*, 5,10.

<sup>87</sup> Cf. *Mateus* 16,26

<sup>88</sup> Cf. *Romanos* 8, 32.

Ele deu sua vida por nós. Ninguém tem amor maior do que ele<sup>89</sup>.

## 2. Curados

*O orador, passando para o segundo ponto de sua homilia, pergunta-se como se deve entender a expressão “curado por suas chagas”. Apesar de Cristo ser Deus e ser perfeito em si mesmo, quis o Pai que, pela sua paixão, o gênero humano fosse libertado do pecado.*

*Da paixão do Redentor jorraram e foram levados à perfeição os sete sacramentos da Igreja, “remédio para todas as nossas enfermidades, que pelas chagas de Cristo nos dão força e saúde”.*

Assim, pois, ó alma cristã, experimentaste a força da tua salvação, a causa da tua liberdade. O sangue de Cristo crucificado foi o preço da tua redenção. Eras prisioneira, mas foste libertada. Eras escrava, mas foste resgatada. Estavas exilada e foste reconduzida à tua pátria; estavas perdida e foste encontrada; estavas morta e foste ressuscitada. Considera, pois, ó alma cristã e compreende quanto somos devedores a ele? Sem dúvida, uma vez que Ele te criou, deverias ter-te doado inteiramente ao amor. Uma vez que te remiu com preço tão elevado, devias dar mais de ti mesma para resgatar essa dívida, como diz Bernardo. Cristo, por meio de sua Igreja, nos chama todos os dias. Ó homem, vê o que eu sofro por ti! Não há dor semelhante à minha. Eu que morro por ti, clamo por ti. Vê os meus sofrimentos, olha os pregos que me perfuraram. Se a dor exterior é tão grande, maior ainda é o pranto interior quando vejo a tua ingratidão. Ele não te rejeitou. Prende-te aos laços do seu amor. Sua ternura te cura. Seu afeto te enriqueça. Seu amor te plenifique e te compenetre inteiramente.

## 3. Somos

*O orador aborda o terceiro ponto do seu discurso, em que trata das penas que permanecem embora tenhamos sido completamente curados por Cristo. A pena deve ser vista sob dois prismas: sob a o prisma do pecado que nos afasta de Deus e sob o prisma dos méritos que o fiel adquire com a prática das virtudes. A paixão de Cristo nos liberta do primeiro tipo de pena, mas não apaga a pena que exige o esforço do homem no tempo presente. Tal pena será cancelada quando o que é incorruptível se tornar incorruptível (cf. 1Coríntios 15,53-54).*

O fato de sermos purificados graças às chagas da sua paixão tão logo nos aproximamos dele, mas não sermos libertados da pena com a mesma rapidez, não se opõe à justiça. Pelo contrário, como diz o santo Doutor numa sentença *Contra gentiles*, é vantajosa que não a obtenhamos logo por três motivos. Primeiro, para que não diminua o mérito da fé. Segundo, porque não chegamos a Cristo através das coisas temporais. Terceiro, para que os membros se conformem à Cabeça que é Cristo. Deixados de lado os dois primeiros motivos, sobre os quais o santo Doutor se delonga, concentremos nossa atenção no último. Assim como Jesus passou por muitas dores para chegar à glória da imortalidade, era conveniente que os fiéis fossem submetidos às penas para chegarem á imortalidade. Isso é o que diz o Apóstolo: «É necessário passar por muitos sofrimentos para

---

<sup>89</sup> Cf. João 15,13.

entrar no Reino de Deus»<sup>90</sup>.

Mas vós, ó míseros, credes de gozar junto com o mundo e de reinar para sempre com Cristo no céu! Pelo contrário - como diz Agostinho no sermão sobre a Natividade da Virgem Maria -, é preciso que se doe ao seu Redentor aquele que se apressa a alcançar a comunhão com ele: «Siga pelo caminho as pegadas de Cristo aquele que anela alegrar-se com ele na pátria». Porventura não era necessário que Cristo sofresse tudo isso para entrar na sua glória<sup>91</sup>. Com efeito, quem sofre, esforça-se e busca os remédios para a salvação da alma e do corpo. Oxalá amássemos a vida eterna assim como amamos a vida terrena!

Quantas divisões profundas, litígios e devastações nesta terra, ou melhor ainda, quantas dilapidações, abusos de prelados e confusões no meio do clero! Donde vieram essas coisas, caríssimos Padres? Certamente – como diz Bernardo – porque esquecemos a nossa redenção e somos ingratos. Continuando neste caminho, juntaremos males a outros males [...]. Abraçamos com mais entusiasmo as vaidades do mundo do que os sofrimentos de Cristo crucificado. Os pés estão no lugar da cabeça, o olhar voltou-se para trás, as coisas internas derramaram-se para fora. Deus é pisoteado, a terra é endeusada e o diabo é recebido com todas as honras. Deus é rejeitado com ofensas.

Recebemos com honras raptos, tiranos, perjuros, simoníacos, ignorantes e - o que é pior - cuidamos deles com grandes gastos.

Afastamos, por outro lado, os bons, os justos, os zelosos, os virtuosos, os sábios, os devotos e os espirituais com leis falsas, com novas formas, com falsas motivações.

Quem se opõe a esse estado de coisas? Quem se aventura contra essas coisas? Quem experimenta o sofrimento que isso provoca? Quem dá o remédio? Ninguém, a não ser a obscura paixão de Jesus Cristo crucificado.

[...] Nele não há soberba: embora sendo de natureza divina, despojou-se a si mesmo<sup>92</sup>.

São escorraçados os simoníacos quando os vendedores são expulsos do templo. São punidos os cismáticos e heréticos quando o é queimada a árvore abatida.

São instruídos os pastores quando é preconizada a paixão dos ministros.

A estrada está vetada para a ira quando é conduzido como ovelha ao matadouro. É condenada a incontidência quanto a Virgem é entregue ao virgem. Sedento na cruz, ele tira a sede. Despido, cobre-se com as vestes da virtude. Suas mãos pregadas ao lenho nos libertam. Seus pés cravados nos fazem correr. Entregando o espírito, transmite a vida. Descido do madeiro, nos chama para o céu.

## IV AMBRÓSIO SPIERA

### Introdução

Nascido em Treviso por volta de 1413, foi batizado com o nome de Antônio. O pai, Bartolomeu Spiera de Antônio de Corneledo, era escrivão e era sua intenção encaminhar o filho pela mesma estrada. Em 23 de fevereiro de 1432, foi inscrito entre os escrivões de grau menor do colégio notarial trevisano. Mas não terminou nos estudos e se fez frade Servo de Maria, como consta no livro de *Atas do Colégio*: “*Studet et non vult currere et est frater*

---

<sup>90</sup> Cf. *Atos* 14,22.

<sup>91</sup> Cf. *Lucas* 24,26.

<sup>92</sup> Cf. *Filipenses* 2,6-7.

*Servorum*<sup>793</sup>.

O convento com a igreja dos Servos de Maria em Treviso havia sido construído em 1346<sup>94</sup> e, quando Antônio ingressou assumindo o nome de Ambósio, estava ainda ligada ao convento de Veneza. Em Veneza, frei Ambrósio deve ter feito o noviciado e a formação inicial. Dali passou para Perúsia onde estudou artes e teologia.

Em Perúsia conclui os estudos de teologia e é ordenado presbítero. Na Ilha Maior do Lago de Trasimeno, onde estava o convento dos frades Menores Observantes, ele conheceu São Bernardino de Sena, com o qual fez amizade e ao qual sempre se referiu com palavras de estima e veneração.

Em 1440, frei Ambrósio sai de Perúsia e volta para a sua província, passando pelas Marcas, onde fez várias paradas para pregar, escrever e lecionar. Em Città della Pieve prega a quaresma e escreve alguns sermões para uma coletânea quaresmal. Em 26 de maio, está em Rímimi, onde escreve um pequeno tratado sobre a penitência.

Em 18 de julho de 1442 forma-se bacharel pela Faculdade Teológica de Pádua. Em 1433, prega a quaresma na igreja dos Servos de Maria de Pádua, onde se encontra com São Bernardino de Sena, o qual ali estava também para pregar a quaresma e para participar do capítulo geral dos Frades Menores. Em 1444, recebe o doutorado em teologia, torna-se mestre e é nomeado Diretor do Centro de Estudos dos Servos de Maria.

Por volta de 1447, publica a obra *Comentário ao segundo livro das Sentenças*, em cujo prólogo diz que passa seu tempo escrevendo e ensinando, e os *Sermones de Adventu*. Deve ter ficado em Pádua como professor até 1447. Em 1449, é nomeado procurador geral da Ordem pelo capítulo geral de Faenza. No capítulo seguinte, celebrado em Rímimi em 1442, foi substituído no cargo por frei Deodato de Gênova, que foi depois bispo de Ajaccio.

No discurso n° 12 do quaresmal *De Floribus Sapientiae* alude a um incidente que o fez sofrer: «Se te ocorre um grande dano, ó infeliz, grita: *hoc ego heu infelix expertus sum anno Domini 1452. Sit benedictus Deus*». Esse incidente pode ter sido a causa de sua substituição como procurador geral. Mas deve ter sido um caso circunscrito, porque em 1453 é reintegrado ao cargo que manteria até à morte.

Em 1452 prega a quaresma na igreja de São Marcelo, em Roma. É interessante o confronto que, durante essa pregação, ele faz entre os contratemplos enfrentados por Bernardino de Sena e por ele mesmo por ter falado claramente contra os abusos. «Infelizmente, hoje mesmo eu constatei esses abusos: os pregadores, se não afagam as orelhas dos ouvintes, não são ouvidos, mas se revelam algo perigoso, logo são difamados e mandados embora. Passo em silêncio as ciladas tramadas em Roma e algures contra o piedoso Bernardino, passo em silêncio quantos dardos eu também, o menor de todos, tive que suportar. Esses detalhes, deixemo-los p'ra lá»<sup>95</sup>.

Foi nomeado orador pontifício pelo papa Nicolau V. Em Roma, termina a sua obra-prima, o *Quadragesimale de Floribus Sapientiae*. Morre em Roma no final do verão de 1455, vítima talvez da peste.

#### Bibliografia:

G. POLLICINI, *Il M° Ambrogio Spiera tarv. (1413-1455)*, “Studi Storici OSM”, 4 (1942), p. 5-77.

<sup>93</sup> C. 20r. Cf. A. SERENA, *La cultura umanistica a Treviso nei sec. XIV-XV*, Venezia 1912, appendice.

<sup>94</sup> Cf. R. CIRETONI, *L'Ordine dei Servi di santa Maria nel Veneto. Ter insediamenti trecenteschi: Venezia (1316), Verona (1324), Treviso (1346)*, Ed. Marianum, Roma 1998, p. 170-174 (Scrinium Historiale XXI).

<sup>95</sup> *Quaresimale De Floribus Sapientiae*, sermone 4, 1ª consid., 2ª concl., ad 2am ver. [Edição de 1516, f. 20r].

G. M. ROSCHINI, *I Servi di Maria e l'Immacolata*, “Studi Storici OSM”, 6 (1954), p. 83-86.

G. M. BESUTTI, *Repertori e sussidi generali. Edizioni del secolo XV (1476-1500)*, in *Bibliografia dell'Ordine dei Servi*, I, Bologna, Centro di studi OSM, 1971, p. 179-186.

### ***Do Quadragesimale De Floribus Sapientiae***

O *Quadragesimale de Floribus Sapientiae* pode ser considerada a obra-prima de frei Ambrósio Spiera, que ele dedica aos jovens estudantes Servos de Maria e a todos os que exercem o ministério da pregação. No prefácio, o autor explica o método adotado e tarz em seguida o “elenco geral” dos quarenta e cinco sermões, garantindo que fez isso «para o louvor e glória da santa e indivisa Trindade, da gloriosa Virgem Maria, dos Anjos e de todos os santos».

Sobre o manuscrito e as edições impressas deste quaresmal, cf. G. POLLICINI, “Studi Storici OSM”, 4 (1942), p. 36-38; 48-54.

[*Prefácio do autor*]

A todos os estudantes de teologia e a todos os que exercem o ministério da pregação. Aqui começa o prólogo do presente quaresmal.

Ficai contentes, irmãos da minha Ordem, que pertenceis à Virgem Maria. Lede esta obra e lembrai-vos de mim.

Vós me obrigastes, ó jovens, com não poucas expressões de amor, a satisfazer os vossos afetuosos sentimentos através da redação do presente quaresmal. Vossa solicitude, vossa singular virtude, vosso amor aos estudos e vossa quase incrível insistência me levaram a considerar um peso sobremaneira leve o que era, na verdade, um grande ônus. Assumo este compromisso como um ato de coragem proporcionado à vossa expectativa. Com esta pequena obra, eu não entendo buscar de vós fama e renome, como fazem muitos que amam a vanglória, os quais elogiam e enaltecem qualquer coisa que tenham realizado, embora insignificante e de nenhuma importância. Sempre detestei tal modo de proceder. Para não dar a impressão de estar esmolando elogios em coisas nas quais não brilha virtude alguma ou qualquer esplendor de grandeza, nós queríamos manter em segredo e não trazer à luz a pobreza desta nossa obra. Entretanto, para que o nosso tempo livre fosse ocupado na escrita desses rebentos

– não saberia que nome dar-lhes – com os quais se pudesse fazer uma pequena coroa, entrego-os ao vosso engenho para serem examinados e também corrigidos.

Seguirei esta ordem que, espero, seja do vosso agrado. Dividiremos os sermões em três partes. A cada uma delas seguirão pontualmente três conclusões com três anotações ou três verdades ou três tipos de argumentação. As conclusões, já provadas pela sua evidência, serão deixadas de lado. Assista-me, pois, desde agora, a Virgem Maria.

Edição: G. POLLICINI, “Studi Storici OSM”, 4 (1942), p. 36-37.

Para cada sábado da quaresma, frei Ambrósio compõe um sermão dedicado á Virgem Maria. Apresentamos a seguir trechos seletos de alguns desses sermões (4, 11, 18, 25, 32).

## DA HOMILIA XI

*De Virginis gloriose singulari et nobili maternitate,  
amabilitate ardenti et qualitate excellenti.*

Sábadoi do primeiro domingo da quaresma.

Evangelho da Transfiguração (*Mateus 17: Este é o meu filho amado, nele está meu pleno agrado: escutai-o*).

[...]

Segunda conclusão sobre a grande humildade da Virgem Maria

[...] Consideramos que há três tipos de humildade. Há, com efeito, a humildade má, falsa e inimiga de Deus, a humildade boa, verdadeira e amicíssima de Deus, e a humildade parcialmente falsa, parcialmente má e parcialmente inimiga de Deus.

A humildade totalmente má e inimiga de Deus tem três aspectos: abatimento, vileza e malignidade.

O primeiro aspecto é o abatimento: como faz Deus quando, através de flagelos, abate a soberba do mundo. Vede *Isaiás 25, 11-12*: «A soberba de Moab acaba caindo, apesar da agilidade de suas mãos. A fortaleza altíssima de teus muros, o Senhor a rebaixou e derrubou, atirou ao chão, jogou na poeira». Vede também *Oséias 7,10*: «Israel será humilhado na sua presença e nem assim eles o procuram».

O segundo aspecto é a vileza: como quando alguém tem muito medo de dizer a verdade ou não ousa opor resistência aos que a negam. Vede *Eclesiástico 13,11*: «Não te humilhes com a tua sabedoria para que, humilhado, não sejas seduzido pela insensatez». [...] Trai a verdade não só quem a transgride dizendo abertamente a mentira no lugar da verdade, mas também quem não diz a verdade que deve ser dita, nem defende a verdade que deve ser defendida. E essas são palavras de São Crisóstomo.

O terceiro aspecto é a malignidade. Vede *Eclesiástico 19,23*: «Há quem pareça oprimido e abatido de ânimo, mas o seu interior está cheio de trapaças».

A humildade totalmente boa é uma virtude e uma paixão que tende às coisas elevadas e é guiada pela reta razão. É a magnanimidade que norteia a paixão para que esta não busque as coisas elevadas sem o concurso da razão. Deste modo, sob a reta razão, a paixão alcança as coisas elevadas e não se deixa dominar pelo desânimo. [...] Sem dúvida, o desejo de buscar as coisas elevadas de maneira inquietada e desordenada é a origem de todos os males. Vede *1Timóteo 6,10*: «A cobiça e a raiz de todos os males». Só a humildade elimina qualquer vício. Por isso, a humildade é o fundamento de todas as virtudes.

Vê o que diz Rabano comentando o Evangelho de Mateus: «Tu pensas em levantar uma construção grande e alta; pensa antes no fundamento da humildade e, quanto maior for a construção, tanto mais profundo deverá ser o alicerce». E Gregório na homilia 7 diz: «Quem reúne virtudes sem ter humildade, carrega vento e poeira».

A raiz mais profunda da virtude é o conhecimento de si mesmos e o que se faz para adquirir esse conhecimento: é humilde aquele que reconhece ser homem e vive como homem. Como diz Crisóstomo, o homem dotado de razão e que não faz uso dela é pior que os animais. Vede o *Salmo 48,13*: «Mas o homem na prosperidade não compreende, é como os animais que perecem».

A humildade mista é uma atitude do corpo, pela qual alguém se humilha por fora, mas não por dentro, só para agradar aos homens. Assim é a humildade dos hipócritas contra os quais Jesus nos previne: «Cuidado com os falsos profetas: eles vêm até vós vestidos de ovelhas, mas por dentro são lobos ferozes» (*Mt 7,15*). Chama-se “humildade mista” porque não é totalmente má nem totalmente inimiga de Deus [...].

Vistas essas coisas, vejamos a humildade da Virgem com a força da razão. Quando mais alguém é virtuoso, tanto mais se assemelha a Cristo. Ora, a Virgem gloriosa foi virtuosíssima, como foi demonstrado na conclusão anterior, e por isso foi semelhante a Cristo. Entre as virtudes de Cristo, a humildade ocupa lugar de destaque.

Vede *Mateus 11,29*: «Tomai sobre vós o meu jugo e sede discípulos meus, porque sou manso e humilde de coração». Diz Santo Agostinho: «Ele não disse: aprendei de mim a ressuscitar os mortos, a caminhar na água a pé enxuto, mas disse: porque sou manso e humilde de coração». Nisso, a Virgem teve que imitar o Filho e, se ela se sobressai nas outras virtudes, nesta também deve sobressair-se. Daí se infere que quanto mais alguém se aproximar de Deus, tanto mais desprezível e humilde será consigo mesmo. Ora, entre todas as santas criaturas, a Virgem gloriosa era a que estava mais próxima de Deus, e por isso, era a mais humilde de todas. Diz Gregório (*Moralia*): Quanto mais alguém se torna vil diante de Deus, tanto mais cresce na auto-estima. E quanto mais alguém se considera vil a si mesmo, tanto mais se torna precioso diante de Deus. [...] Sê pequeno aos teus olhos para seres grande aos olhos de Deus. Tanto mais precioso serás junto a Deus quanto mais desprezível fores aos teus olhos. Os grandes vícios devem ser absolutamente detestados, mas a virtude mais sublime deve ser abraçada. O maior vício é a soberba, posto que Deus resiste aos soberbos. A humildade, que a ela se opõe, é a maior das virtudes. Ademais, as grandes virtudes convêm (???) muito bem aos grandes homens. A Virgem Maria foi a maior de todos, por isso, a ela convêm em modo especial a santa humildade.

[...] Esta conclusão tem prova de autoridade. Vede o que diz Bernardo: A Virgem agradou por sua virgindade, mas concebeu por sua humildade. A humildade de Maria é a escada celeste pela qual Deus desceu à terra. Vede também o que diz Beda: Como pela soberba de Eva entrou no mundo a morte, assim pela humildade de Maria abriu-se a porta da vida. Vede também o que diz Jerônimo no seu “trânsito”: Deus quis assumir a carne da bem-aventurada Virgem Maria mais por sua humildade do que por qualquer outra virtude. Portanto, assim como de uma única raiz, a soberba, se originam todos os males, da mesma forma da única raiz da humildade brotam todos os bens. Vede como ela mesma diz de si mesma: Olhou para a humildade de sua serva [...]. Quando o anjo lhe aparece e a chama de Mãe do Senhor, ela se declara humildemente serva do Senhor. Vede *Lucas 1,38*: Eis a serva do senhor, faça-se em mim segundo a tua palavra.

Diz um poeta em linguagem popular:

«Quando respondes ao mensageiro santo,  
“Eis a Serva do Senhor” dizendo,  
A Verdade eterna toma seu carnal manto do  
sangue do teu coração colhendo.  
E sobre ti tantas graças derrama Que  
cada anjo das alturas celestes Como bom  
servidor a ti se submete».

Terceira conclusão sobre a grande pobreza da Virgem Maria.

[...] A Virgem gloriosa gerou o Rei e Senhor do universo e é, ao mesmo tempo, a mais preciosa e a mais pobre de todas as criaturas que já existiram e haverão de existir. Isto se prova de três maneiras: pela razão, pela autoridade e pelo exemplo.

Pela razão: Cristo foi um filho paupérrimo e tinha um grande amor à pobreza. Vede Mateus 8,20: «As raposas têm tocas e os pássaros do céu têm ninhos; mas o Filho do Homem não tem onde repousar a cabeça». Por isso, também Maria deve ter sido paupérrima. Isso se explica da seguinte maneira. Os bons discípulos devem imitar os bons ensinamentos do mestre. Ora, a Virgem Maria foi boa, ou melhor, ótima discipula do Senhor. Portanto, deve ter imitado a doutrina do Mestre.

E a grande regra de Cristo é esta: Quem não renuncia a tudo o que possui não pode ser meu discípulo. Escuta o que diz Agostinho em *De Catechizandis rudibus*: Teve fome Cristo que apascenta as ovelhas. Teve sede aquele por cuja graça toda ovelha bebe. É pão espiritual para quem tem fome, fonte para quem tem sede. Ele que se cansa de caminhar nesta terra, faz-se para nós caminho que leva ao céu. Como ovelha, faz-se surdo e mudo diante de quem o ridiculariza: ele, por cuja graça, o mudo falou e o surdo ouviu. Foi acorrentado aquele que nos libertou dos vínculos das enfermidades. Foi flagelado aquele que extirpou do corpo humano os flagelos de todas as dores. Morreu aquele que ressuscitou os mortos. Mas ressuscitou e não morre mais.

A terceira prova é a seguinte. Todo verdadeiro cristão deve imitar a Cristo. A Virgem foi perfeita cristã. Portanto, deve ter imitado a Cristo. Mas Cristo foi paupérrimo, como dissemos acima. Assim escreve Agostinho em *De Vita christiana*: Rec ebe em vão o nome de cristão aquele que não imita a Cristo. Que proveito tens em ser chamado pelo que não és e em usurpar um nome que não te pertence? Se gostas de ser cristão, cumpre o que é próprio do cristão: aí então com justiça terás o nome de cristão.

Em segundo lugar, essa conclusão é provada pela autoridade. Ofereceram em sacrifício ao Senhor um par de rolas e dois pombinhos, que era a oferta dos pobres.

Em terceiro lugar, é provada pelo exemplo. Com efeito, uma árvore é boa e de boa qualidade se produz frutos bons e de boa qualidade. Vede *Mateus 7*: Toda árvore boa produz bons frutos. Ora, Cristo foi o fruto do ventre de Maria. Vede *Lucas 1*: E bendito o fruto do teu ventre. Ele foi paupérrimo. Portanto, a árvore também deve ser paupérrima [...] Com acerto, pois, a Virgem gloriosa pode dizer estas palavras: Este é o meu filho amando no qual pus as minhas complacências. Ele que é glorificado com o Pai e com o Espírito Santo reina pelos séculos dos séculos. Amém.

## DA HOMILIA XXV

*De Virginis gloriose dulcorosa susceptione,  
mirifica descriptione et debita similatione*

Sábado do terceiro domingo da quaresma: *Jesus, inclinando-se, começou a escrever no chão (Jo 8,6).*

Enquanto hoje os judeus procuram armar uma cilada ao Princípio da natureza humana, apresentando-lhe um problema envolvendo uma mulher adúltera, Jesus, inclinando-se, escrevia no chão. Como dizem alguns: a terra acusa-se a si mesma. E misticamente: o Deus glorioso dobrou-se ao chão que já havia dado fruto quando, humilhando-se, assumira de uma Virgem a carne humana. Vede *Filipenses 2,6-7*: Ele,



existindo em forma divina, não considerou como presa a agarrar o ser igual a Deus, mas despojou-se, assumindo a forma de escravo e tornando-se igual ao ser humano.

Eis a admirável condescendência nesta terra, isto é, na carne da Virgem gloriosa.

[...]

Terceira consideração. Vejamos a semelhança da Virgem com a terra. Três são as conclusões. Primeira: jamais existiu nem existirá terra alguma que tenha produzido ou produza ou produzirá uma flor como a que produziu a Virgem Gloriosa, isto é, o Cristo Salvador. Segunda: assim como a terra sem ser lavrada não pode produzir os grãos de trigo com os quais fazemos o pão necessário para vida dos homens, da mesma forma, tampouco esta terra gloriosa, a Virgem bendita, poderia ter dado como fruto o pão dos anjos e dos homens se não tivesse sido preparada e predestinada. Terceira: o fruto desta terra virginal foi tal e tão grande que deu ao mundo um sabor infinito suavemente saboreado.

Na Sagrada Escritura a palavra terra é entendida de várias maneiras, principalmente nestes seis sentidos: terra é o fim de todas as coisas naturais; terra é a que pisamos com nossos pés; terra é a que semeamos, na qual acreditamos, que procuramos e que desprezamos.

1. Terra é o fim de todas as coisas naturais e, por isso, é a primeira a ser criada e a última a desaparecer [...]. Vede *Gênesis 1: No princípio, Deus criou o eu e a terra* [...]

2. Terra é a que pisamos com nossos pés e, com este termo, entende-se o elemento da terra. Vede *Gênesis 1: Ao solo firme Deus chamou “terra” e ao ajuntamento das águas, “mar”*. A terra produziu vegetação: plantas que dão a semente de sua espécie, e árvores que dão fruto com a semente de sua espécie. Deus formou o homem do pó da terra.

3. Terra é a que semeamos, isto é, a carne humana. Tu és pó e ao pó voltarás, diz o Senhor. Vede *Gênesis 3: ... até voltares ao solo, do qual foste tirado*. E o *Salmo 64: A minh'alma é como a terra sem água*.

4. Terra é aquela em que acreditamos, isto é, a Virgem gloriosa. Vede *Isaiás 45,8: Abra-se a terra deixando germinar a salvação*.

5. Terra é aquela que procuramos, isto é, a vida eterna. Vede o *Salmo 26, 13: Tenho certeza que vou contemplar a bondade do senhor na terra dos vivos*.

6. Sexta e última, terra é o próprio inferno. Vede *Jó 10,22: Terra da escuridão e das trevas, onde só há sombra de morte e caos*.

[...]

Por três motivos a Virgem Maria assemelha-se à terra: por geração ou produção, por provisão e por estabilidade.

Por motivo de geração ou produção: Como as flores nascem da terra e desabrocham exalando suave perfume, assim da Virgem gloriosa nasceu uma flor cheia de todo tipo de aromas.

Por motivo de provisão: Como a terra provê a toda as nossas necessidades – Deus, com efeito, dá como alimento os grãos do trigo, da cevada e de outras espigas, nutre os rebanhos, para que não nos falte roupa para vestir e o couro dos bois para nos calçar, e nos provê diligentemente de tantas outras coisas – da mesma forma a Virgem gloriosa, como Mãe de Cristo, gerou no seu puríssimo corpo o alimento que contém em si todos os bens. Vede *João 6,51: Eu sou o pão vivo que desceu do céu*. E o *Salmo 78,25: O homem comeu o pão dos fortes, que contém em si todo sabor*.

Por motivo de estabilidade. Como a terra é estável e imóvel – de fato, os filósofos

definiram este princípio: é preciso que o céu se mova e a terra fique firme -, da mesma forma a Virgem gloriosa foi terra imóvel e firme no terremoto da paixão do seu Filho, fruto bendito do seu ventre. Todos os discípulos se apavoraram, fugiram e o traíram. Só ela o seguiu e manteve íntegra a fé no coração. Maria conservava tudo isso no seu coração, ao passo que os discípulos o abandonaram e fugiram. Um deles, que tinha até jurado corajosamente que o seguiria, chegou a dizer que não o conhecia. Os outros, por seu lado, na dúvida, diziam como o Dídimos: se não vir em suas mãos as marcas dos pregos, etc. Maria, pelo contrário, firme como uma pedra, permanecia junto a cruz. Como canta a igreja: *Estava a mãe dolorosa junto à cruz lacrimosa enquanto o Filho pendia.*

Por que te admiras, ó minh'alma? Onde devia estar Maria senão junto ao leito do seu amado filho agonizante? Cristo estava com seu corpo pendurado na cruz e Maria estava com seu coração imerso na aflição. E as dores que não sentira ao dar-lhe à luz, experimenta-as agora junto à cruz. Cristo na cruz olha para a sua mãe, vê seu rosto riscado pelas lágrimas e ouve os suspiros que lhe saem do coração. A dor de Cristo torna-se mais aguda e, com tristeza no coração, chora junto com a Virgem. Escuta agora, ó minh'alma, esta coisa grandiosa. Cristo, querendo consolar sua mãe pelo menos com palavras, é acometido de tão intensa dor que não a chama de mãe, mas de mulher: "Mulher, eis o teu Filho". Cala o nome de mãe para que a alma da Virgem não seja traspassada pelo dardo pontiagudo dessa palavra.

Quanto à terceira verdade, digo que a flor germinada desta terra perfumada foi o culíssi o Jesus que se tornou para todos fruto agradável e bendito. Vede Lucas 1: E bendito o fruto do vosso ventre. Desta bendita flor Isaías diz: Um broto vai surgir do toco que restou de Jessé, das velhas raízes, um ramo brotará. Sobre ele há de pousar o Espírito do senhor, etc.

Assim Nicolau de Lira explica estas palavras no comentário aos doze profetas: Um broto vai surgir, isto é a Virgem Maria: dela se diz que é um broto tenro, devido à sua pobreza e humildade, e flexível, devido à sua piedade. E da sua raiz brotará uma flor, isto é, Cristo: dele se diz que é uma flor pela sua pureza, no sentido que nenhum pecado atual ou original encontrou lugar nele e nos trouxe o fruto da nossa salvação. E diz o mesmo Nicolau no comentário à Carta aos Hebreus: De Cristo diz-se que é o tronco pela sua dignidade real, e flor, pela sua pureza de vida. Diz-se ainda que Cristo brotou da raiz de Jessé porque Cristo descende de Davi, também segundo os judeus. Assim como a terra, se não for lavrada, não produz o grão de trigo, do qual se faz o pão que é dado ao homem para seu sustento, da mesma forma esta terra gloriosa e bendita, a Virgem Maria, que deu o seu fruto, não teria produzido para o mundo o pão dos anjos e dos homens, se não tivesse sido preparada e predisposta.

## DA HOMILIA XXXII

*Qualiter Virgo gloriosa est lux mundi e empirrei celi  
quoad animam e quoad corpus*

Sábado do quarto domingo da quaresma  
*Eu sou a luz do mundo (Jo 8,12).*

Da segunda conclusão sobre a pureza da Virgem quanto ao pecado original<sup>96</sup>.

---

<sup>96</sup> Na polêmica sobre a Imaculada Conceição dos séculos XIV-XV, os Servos de Maria tomaram partido em favor

Argumentos aduzidos por aqueles que afirmam que a Virgem foi concebida sem pecado original, sendo dele preservada por especial privikégio.

O primeiro argumento é este: *A santidade convém à tua casa, por dias sem fim, ó Senhor (Sl 92 (93),5)*. Que casa é esta senão a Virgem bendita? *Aquele que me criou marcou o lugar de repouso na minha tenda (Ecl 24,12)*. E com justiça fala de santidade. Será que existe alguém – que não seja inferior a um ser humano – que não evite uma casa sórdida ou não busque uma casa limpa e enfeitada? Deus, pois, que é santíssimo, como poderia habitar no útero da Virgem, como em sua própria casa, se ele fosse conspurcado e desvirtuado pelo pecado original? O santo dos santos não podia deixar de querer e de escolher uma morada que fosse santa. Vede o *Livro dos Cânticos 4,7: És toda formosa e não há mancha em ti*. E a *Sabedoria 7,26: Ela é reflexo da luz eterna, espelho sem mancha do poder de Deus*.

Vede o que diz Anselmo sobre a concepção virginal: Era conveniente que a Virgem Gloriosa resplandecesse em toda a pureza que se possa conceber debaixo do céu. E que pureza maior pode haver do que ser preservada de todo pecado? Com efeito, se Maria tivesse sido primeiro maculada e depois santificada, sua pureza não seria a maior que se possa conceber, porque pureza muito maior é ser preservada de qualquer culpa. Vede também esta confirmação: O fato de alguém nunca ter caído na lama, antes, de ser preservado da queda, não é porventura algo mais sublime e mais nobre do que alguém ter caído uma vez e depois ter-se limpado cuidadosamente com a faca? Quem dúvida que isso não seja mais sublime? Isso aconteceu com a Virgem.]

Por isso, diz Agostinho no livro sobre a natureza e a graça: Com exceção de Santa Maria, a respeito da qual, para louvor do senhor, não quero que se levante qualquer questão de pecado<sup>97</sup>. Para debelar completamente o pecado foi-lhe dado o mérito de conceber e de gerar Aquele que não cometeu pecado algum. Portanto, exceto a Virgem Maria, se perguntarmos a todos os santos e santas juntos se pecaram, cremos que outra coisa não responderiam senão o que disse João: Se dissermos que não temos pecado, enganamos a nós mesmos etc.

Diz também Jerônimo no sermão sobre a Assunção: Qualquer coisa que se possa dizer com palavras humanas é sempre insuficiente para louvar a Virgem. Por isso, a Ela se deve atribuir todo privilégio e prerrogativa. Também Gregório confirma a mesma coisa: Na verdade, és feliz, ó Virgem Maria, e digníssima de todo louvor. E ainda: não sei com que palavras exaltar-te, etc.

O segundo argumento é este: Deus podia preservar ou não a Virgem da culpa original. Este argumento é evidente à luz do princípio segundo o qual uma coisa ou é ou não é. De ninguém pode-se dizer as duas coisas ao mesmo tempo. Não se deve falar daquilo que é impossível. Vede *Jó 14,4: Quem fará nascer o puro do impuro? Ninguém!* Portanto, se ele podia, ou quis ou não quis. Não se deve dizer que ele não quis, porque não a amaria de verdade se, podendo, não quisesse preservá-la. Portanto, se ele podia e quis, também o fez. Se não o tivesse feito, seu querer e seu poder seriam vãos.

Poderias dizer que não quis preservá-la porque não era conveniente. Pelo

---

do dogma. Além de frei Ambrósio Spiera, devem ser aqui lembrados pelos menos o mestre Lourenço de Bolonha, dito Opimo (morto pelo final de 1300), Pedro Nicolai de Roma (+1427), Cesário Contughi (1420aprox.-1498), Paulo Attavanti, Gasparino Borro, Marcelo Filosseno (Cf. G. M. ROSCHINI, *I Servi di Maria e l'Immacolata*, “Studi Storici OSM”, 6 (1954), p. 29-182).

<sup>97</sup> *De natura et gratia*, 36, 42. Cf. S. Agostino, *Natura e grazia*, I, Città Nuova, Roma 1981, p. 429 (Nuova Biblioteca Agostiniana, Opere di Sant'Agostino, vol. XVII/1).

contrário. Como convinha que o Filho tivesse no céu um Pai sem mãe, assim convinha que Ele tivesse na terra uma Mãe sem pai. Portanto, assim como não há no céu geração mais pura do que esta, da mesma forma convinha que não houvesse na terra uma geração mais pura do que esta. Mas se não a tivesse preservado, não teria sido a mais pura de toda pureza possível. Portanto, etc.

O terceiro argumento é este: aquele que está sujeito ao pecado original, no tempo em que estiver nesta situação, está sob o poder do diabo e sujeito à pena eterna. Ora, isso é incongruente com a Mãe do Deus eterno e redentor do gênero humano. Portanto, etc. Por isso, diz o *Gênesis* 3,15: O Senhor Deus disse à serpente: Ela esmagará a tua cabeça. E Gregório comenta: Isso se refere à Santa Virgem, etc.

O quarto argumento é este: O imperador e o papa não estão submissos às leis que promulgam. Ora, a Virgem gloriosa é a imperatriz soberana, por isso, não devia submeter-se às leis promulgadas por seu Filho. Quem promulga a lei, pode também dispensar dela. Ora, Deus colocou a Virgem, por lei, num lugar mais elevado e, por isso dispensou-a da lei. Não nos parece lógico que tenha concedido tal dispensa a outro que não seja a sua Mãe gloriosa. Portanto, etc.

Portanto, ó minh'alma, esta é aquela pomba bendita que não teve contato com nenhuma impureza, mas voltou à tardinha trazendo no bico um ramo de oliveira (cf. *Gn* 8,11). De fato, a Virgem não foi contaminada, mas trouxe e deu ao mundo o ramo da paz, o seu Filho. Por isso também os anjos cantaram glória a Deus nas alturas e paz na terra aos homens. Ela é também a arca preservada do dilúvio na qual o gênero humano foi salvo da destruição. É ainda o bastão de Aarão que foi preservado da picada das serpentes do Faraó. Esta, ó minh'alma, é a pomba puríssima que Deus, para honra da maternidade, quis que fosse assim gerada. Deus, com efeito, salvou o seu povo das águas do Mar vermelho e, por quarenta anos, manteve intactas as suas roupas e calçados, em consideração da dignidade do seu povo. Como então não teria preservado sua própria mãe da mancha original em consideração da dignidade de sua maternidade?

#### *Oração final à Virgem*

No manuscrito da Biblioteca Estense de Módena (cf. Cod. α 0.8 – 17. Ms. cart. Metà séc. XVI, ff. 299<sup>98</sup>) o quaresmal termina com uma oração à Virgem, (f. 299r), que foi omitida nas edições impressas.

Edição: G. POLLICINI, “Studi Storici OSM” 4 (1942), p. 37-38.

Tu, pois, ó Virgem gloriosa, recebe benevolmente em teus abraços a este teu servo, frei Ambrósio Spiera de Treviso que, por tua graça, laureou-se em Pádua na fé e já há muitos anos traz o hábito da tua Ordem..

Não olhes com olhar de justiça a minha fragilidade: tu que és guia, tu que és esperança, tu que sempre foste para mim âncora de salvação em tantos perigos. Não me abandones, ó mãe piedosa. Não te afastes do teu servo, Senhora santíssima. Ajuda-me, advogada santíssima. Ilumina-me, estrela resplandecente, para que tudo o que inspiraste nesta e nas outras obras, eu o proclame bem para a tua honra e para o incremento da

---

<sup>98</sup> O códice de Módena traz uma miniatura que apresenta um frade no púlpito, com o capuz na cabeça e capa, pronto para a pregação. Tal miniatura é reproduzida nas primeiras edições impressas, principalmente no incunábulo “Fir. Bibli. Naz. F 2 n.9” (Venetiis 1476): o frade está sentado na cátedra como quem está lecionando e acima da cela está escrito “*Chorona predicatorum*”.

Ordem, sem escândalo e dano para o povo. Assim seja, assim seja! Amém, amém!

## V. IVO DE SENA

### Introdução

Seu nome aparece pela primeira vez em 1429 em Florença, onde se diz ser “forasteiro”, isto é, estar de passagem pelo convento da Santíssima Anunciada. Em 1430 é “professor de artes”; em 1433 passa de novo pelo convento de Florença; em 1434 é “bacharel cursor”, vale dizer, apto para comentar a Sagrada Escritura no curso de teologia. Uma vez que o “bacharel cursor” devia ter pelo menos trinta anos, presume-se que frei Ivo tenha nascido no início do século XV.

Até 1438 permanece no convento de Florença. Em 1439 é nomeado prior do convento de Pistóia e prega em Santa Maria dos Servos de Veneza, aonde voltará a ser chamado a pregar na quaresma dos dois anos seguintes.

É nomeado chanceler do prior geral da Ordem, frei Nicolau de Peruais (1427-1461). Em 1449, é eleito prior provincial pelo capítulo provincial da Toscana, cargo que ocupou por um triênio. Por volta do final do primeiro ano de provincialado adoeceu: seus contemporâneos elogiam a sua paciência diante das freqüentes enfermidades que o afligiram ao longo da vida.

Em 1450 interessa-se pessoalmente para decorar e mobiliar a Biblioteca do convento de Florença, que estava sendo construída segundo projeto de Michelozzo no andar superior do convento de frente para a praça da Santíssima Anunciada. Em outubro desse ano, em nome do convento, assina um contrato com o padre Lourenço de Antônio, capelão da igreja de São Pedro Maior de Florença, “mestre em janelas de vidro” para a instalação de 18 janelões em duas paredes da nova biblioteca.

Em 1454, pela quarta e última vez, prega em Veneza já como mestre em teologia. Na quaresma de 1461 prega em Mântua, onde obtém grande sucesso e se engaja na polêmica disputa entre Franciscanos e Dominicano sobre a veneração das relíquias do Sangue de Cristo. Muito bonito o gesto de gratidão a ele tributado pelos frades Servos de Maria da comunidade local da igreja de São Barnabé, pertencente à Congregação da Observância, que lhe doam quadro ducados de ouro e pagam as despesas de cavalgadura para ir ao capítulo geral de Treviso, celebrado em maio desse mesmo ano.

Na quaresma de 1463, bem como na quaresma e no advento de 1466, prega na igreja de São Petronio, em Bolonha.

Ocupa o cargo de prior do convento de Santa Maria dos Servos de Bolonha em 1452-1453 e em 1465-1467.

Talvez devido à idade avançada e às suas precárias condições de saúde, retorna ao convento de Sena, onde em 1470 teria ensinado filosofia na escola pública. Em 1472 torna-se membro do Colégio Teológico de Sena.

Morre alguns anos depois, em 1480. Nesta data, os *Annales* (I, p. 562,1F) registram a sua memória e assim descrevem sua personalidade: «Homem notável pelas letras e pela integridade de vida, aluno da nossa casa de Sena. Foi, acima de tudo, tenaz guardião das nossas Leis e deu um raro exemplo de serenidade nas doenças que freqüentemente o afligiam. Homem de vasta cultura, ajudou o bispo de Florença [Santo Antonino?] no ensino da teologia moral e obteve grande sucesso em suas pregações

nas principais cidades da Itália».

**Bibliografia:**

F. A. DAL INO, *Frate Ivo da Siena e il suo testamento del 1463 ai Bolognesi*, “Studi Storici OSM”. 10 (1960), p. 158-173.

D. M. MONTAGNA, *Ancora su frate Ivo da Siena dei Servi (documentazione per gli anni 1441-1442)*, “Studi Storici OSM”, 35 (1985), p. 147-149.

*Testamento aos bolonheses, de 1463*

Ao terminar as pregações quaresmais de 1463, frei Ivo deixa aos bolonheses um “testamento” ou uma lembrança na qual enfatiza os pontos mais importantes de suas pregações. Divide seus ouvintes em vinte “gerações” ou grupos, e confia a cada grupo três palavras para cumprir em sua vida.

O testamento encontra-se no códice em folhas cartáceas *Vat. Lat. 2627*, escrito depois de 1473 em 118 folhas, hoje numeradas. O texto de frei Ivo está nas folhas 115v e 116r.

Edição: A. M. DAL PINO, “Studi Storici OSM”, 10 (1960), p. 174-175.

Testamento deixado aos bolonheses  
por frei Ino (*sic*) de Sena, da Ordem dos Servos, ao  
pregar em São Petrônio em 1463,  
no qual fala de 20 grupos a cada um das quais deixa três dons.

[1] Aos príncipes: Justiça - Prêmio – Punição

[2] Aos servos: Fidelidade – Obediência – Defesa

[3] Aos idosos: Prudência – Sobriedade – Bom Conselho

[4] *falta* [5]

*falta* [6]

*falta* [7]

*falta* [8]

*falta*

[9] Aos pobres: Humildade – Paciência – Esperança

[10] Aos sofrendores: Paciência – Consideração – Esperança

[11] Às virgens: Fuga do mundo – Entreter-se com os bons – Abstinência

[12] Às viúvas: Solidão – Oração – Ódio de si

[13] Às esposas: Cuidado com os filhos - Que sejam bons - Solicitude

[14] [Aos bons (?): Bênção de Deus - Perseverança no bem – Desejo da vida eterna

[15] [Aos pecadores (?): Conversão - Contrição – Penitência

[16] [Aos perversos (?): Maldizer a Deus – Maldizer os homens – Inferno

[17] Aos religiosos: Castidade – Obediência – Pobreza

[18] Aos soldados: Liberalidade – Humanidade – Modéstia

[19] Aos doutores: Estudo – Bondade – Verdade

[20] A todos: Paz – Concórdia – Unidade.

## VI. PAULO ALBERTINI

### Introdução

Nasce em Veneza por volta de 1430. Aos dez anos de idade entra na Ordem no convento veneziano de Santa Maria dos Servos, onde emite a profissão em 1446. Em 1456 obtém em Bolonha o doutorado em teologia e passa a integrar o Colégio de doutores da cidade. Em 1458, é eleito prior do convento dos Servos de Maria de Bolonha. Na sua gestão, quando tinha cerca de 27 anos de idade, leciona filosofia no Ateneu a cidade.

Por volta de 1460 volta para Veneza. Dedicar-se totalmente ao estudo, à oração e à pregação. Prega a quaresma na igreja do seu convento de Veneza. Em 1462 passa pelo convento de Santíssima Anunciada de Florença, provavelmente para pregar. Em 1466 aceita o convite para pregar na igreja de São Petrónio de Bolonha, mas, dez dias depois, é obrigado a declinar do convite “por ser filho da obediência” e propõe como substituto frei Ivo de Sena. Todavia, estaria pregando em Bolonha no ano seguinte.

Em 1468 é prior do convento de Santa Maria dos Servos de Veneza e pregador na igreja de São Marcos da mesma cidade. Dois anos depois é eleito prior provincial da Província de Veneza, participa do capítulo geral de 1470, celebrado em Florença, onde se destaca como orador público. Em 1471 volta a pregar em Florença.

Em 1474, a República Veneta encarrega-o de uma embaixada junto aos turcos. De volta à pátria, morre pouco tempo depois, em 1475, e é sepultado em Santa Maria dos Servos.

Dois testemunhos do seu tempo colocam em plena luz a personalidade de frei Paulo. O primeiro é uma medalha cunhada em sua honra em 1462 pelo medalheiro de Ferrara Antônio Marescotti. Um exemplar da medalha encontra-se hoje na sala 18 da Galeria Estense de Módena, Num lado está a efígie do busto de frei Paulo, com o capuz na cabeça, e a inscrição: «M[agister]: PAVLUS: VENETUS: OR.[dinis]: S.[er]VOR.[um]: MEMORIE: FONS». No verso, está o retrato de frei Paulo sentado, em atitude de meditação, com olhar voltado para uma caveira que está no chão. Na cadeira está incisa a data da fabricação da medalha: MCCCCLXII. Ao redor, a legenda: + HOC VIRTUTIS OPVS. OPVS ANTHONII MARESCOTO DE FERRARIA.

O outro testemunho é o epitáfio que enfatiza a vida observante de frei Paulo, seu amor à astronomia e à literatura hebraica, latina e grega, sua obra de comentarista de Dante<sup>99</sup>.

«Quem, qual pugilista, esmoreceu na fé? Que outro terá vivido tão pobre e santo em nossa Ordem? Ele conheceu as tuas idéias, ó Crísipo<sup>100</sup>, e as doutrinas dos cristãos, observou todas as estrelas do céu, Paulo, experto em sabedoria hebraica, latina e grega, e explicou a sublime obra de Dante. Agora, ele deixa que se lhe pouse na cabeça a coroa divina e senta-se entre as tuas fileiras, ó Cristo benigno. 1475».

Bibliografia: P. M. SUÁREZ, *La “Regula confessionis” di fra Paolo Albertini da Venezia (+ 1475) a Pietro Marcello*, “Studi Storici OSM”, 12 (1962), p. 70-78.

### *Regula Confessionis*

A *Regula confessionis* é um roteiro de exame de consciência, já usado provavelmente

<sup>99</sup> Da laje do túmulo e do respectivo epitáfio existe um desenho num códice de folha cartácea do século XVIII conservado no Museu Cívico Correr de Veneza

<sup>100</sup> Filósofo estoico, morto no final do século III A.C., representante de um pensamento contrário à doutrina cristã

desde o final do século XIV e que se tornou uma prática piedosa, à qual os pregadores do século XV recorriam com frequência para dar maior força às suas palavras. O exame é bastante detahado e tem como objetivo a conversão do penitente através do conhecimento profundo de si mesmo. Na espiritualidade da época, conhecer-se a si mesmo era condição necessária para um perfeito conhecimento de Deus.

A *Regula confessionis* de Paulo Albertini encontra-se no manuscrito 436 da Biblioteca Universitária de Pádua.

Vale lembrar que outro Servo de Maria do século XV, frei Paulo Attavanti, escreveu um *Método útil para a confissão*, do qual temos duas edições: uma de 1485 aproximadamente e a outra de 1490 aproximadamente. O primeiro desses incunábulo encontra-se na Biblioteca Cívica de Florença [*Ed. Palat. E. 6. 4.42*]; e o segundo, na Biblioteca Cívica de Sena [*M. VI. 57 (5)*]. Outro roteiro de exame de consciência encontra-se no *Opusculum* de frei Nicolau de Maneto de Pistóia (cf. *Monumenta OSM*, VII, p. 169-171), o qual apresenta também uma fórmula de confissão e de absolvição dos pecados (cf. *Monumenta OSM*, VII, p. 151-154).

Sobre o *Memoriale de confessione zentil* de frei Galvão de Pádua, cf. “Fontes de arquivo”, p. ???, nº 571 do presente volume.

Edição: P. M. SUÁREZ, “*Studi Storici OSM*”, 12 (1962), p. 79-95.

## TEXTO

Para devoção do gentil-homem vêneto, senhor Pedro Marcelo, filho do finado senhor André, eu, frei Paulo de Veneza, último dos teólogos, quis escrever a presente regra, para que a sua alma seja instruída sobre como comportar-se na confissão e possa confessar ordenadamente todos os pecados e assim merecer de Deus, no íntimo do coração, a misericórdia e a remissão dos pecados.

A PRIMEIRA regra refere-se à preparação [...]

A SEGUNDA regra necessária para a confissão é a contrição em relação a três

coisas: primeira, sentir dor por todos e por cada um dos pecados cometidos; segunda, fazer o firme propósito de não mais ofender ao Criador; terceira, fazer o propósito de abster-se, de satisfazer e de confessar os pecados do coração [...]

A TERCEIRA regra é examinar a própria consciência em base aos dez mandamentos [...].

A QUARTA regra é confessar-se dos pecados decorrentes aos cinco sentidos [...]. A QUINTA regra concerne aos doze artigos da fé [...].

A SEXTA regra é confessar-se se alguma vez pecou ou duvidou a respeito dos sacramentos [...].

A SÉTIMA regra confessar-se das faltas contra as sete obras de misericórdia [...]. A

OITAVA regra é confessar-se se pecou em relação às virtudes teológicas [...].

A NONA regra é confessar dos pecados contra os dons do Espírito Santo [...].

A DÉCIMA: Observa esta regra: se alguém quer confessar-se bem, deve confessar cada pecado com todas as suas circunstâncias [...]. Uma vez que é impossível descrever todos os pecados, faze o possível para ter sempre em mente as palavras a seguir, refletindo com o



maior cuidado possível com tua memória, engenho e intelecto: *Quem? O que? Onde? Com que ajuda? Quantas vezes? Por quê? Como? Quando?* [...].

A DÉCIMA PRIMEIRA regra [refere-se a casos particulares de pecados contra representantes do clero, contra lugares sagrados, etc.].

A DÉCIMA SEGUNDA regra refere-se aos casos em que se nega a absolvição. Nota os vinte e sete casos abaixo relacionados [...].

Segundo tuas possibilidade e capacidades, procura examinar atentamente a tua consciência. E depois dirás: Reconheço-me culpado desses e de todos os outros pecados esquecidos e não confessados, com os quais ofendi mortalmente ou venialmente a Deus meu Criador, a minh'alma e o meu próximo, por pensamentos, palavras, obras. E peço a Deus meu Criador que tenha piedade de mim, e a ti, padre, que me dê a penitência e a absolvição pelo amor de Deus . E reza por mim . Amém.

## VII. PAULO ARRAVANTI

### Introdução

Nasceu em Florença por volta de 1440, filho de Antônio de Justo Attavanti. Recebeu no batismo o nome de Francisco. Segundo informa (???) Poccianti, aos sete anos de idade, teria sido “doador” ao convento da Santíssima Anunciada, talvez em consequência de uma promessa que a mãe fizera a São Filipe Benizi quando enfrentava as dores do parto.

Segundo o costume, o menino foi entregue aos cuidados de um frade, provavelmente frei Leonardo de Bartolomeu, que foi várias vezes prior do convento. Frei Paulo Attavanti, na obra *De origine Ordinis*, refere-se a ele com palavras de gratidão.

Iniciou o noviciado em 1456 recebendo o nome de Paulo. Papel importante na formação religiosa de frei Paulo deve ter tido frei Cristóvão Tornielli de Giustinopoli, que esteve no convento da Santíssima Anunciada de 1447 a 1452 e que, em 23 de maio de 1461, seria eleito prior geral da Ordem. A ele frei Paulo dedicou as suas duas primeiras obras: a *Vida* de São Filipe e a *Vida* do bem-aventurado Joaquim de Sena, escritas pouco depois de 1461. Vieram a seguir a *Vida* do bem-aventurado Francisco de Sena, que ele dedicou a Pio II (1458-1464), e o *Dialogus de origine Ordinis ad Petrum Cosnmae*, que deve ter sido escrito por volta de 1465.

Ordenado presbítero por volta de 1466, foi enviado ao Centro de Estudos de Bolonha, onde permaneceu pouco mais de um ano. De fato, em dezembro de 1467, o nome do “*mestre Paulo de Florença, nosso frade*” reaparece nos registros da Santíssima Anunciada.

Nos anos seguintes dedicou-se ao ministério da pregação. No final de 1471 ficou preso no cárcere da cidade, em decorrência, talvez – segundo hipótese levantada por frei Arcângelo Giani - de dissídios internos ocorridos no convento. Libertado do cárcere em abril de 1472, tirou o hábito dos Servos de Maria e vestiu em Roma o hábito da Ordem do Espírito Santo. Era então mestre geral desta Ordem frei Inocência dei Flavi della Rovere, que apoiou os estudos e as pesquisas de Paulo Attavanti. Foram anos fecundos: frei Paulo

, all[em da pregação, dedicou-se também ao direito e ao estudo de Aristóteles, Platão, São Tomás e dos grandes Padres latinos (Ambrósio, Agostinho, Jerônimo, Gregório). Amava Dante e se interessou também na obra em língua popular de Petrarca. Em 1479 publicou em Milão o *Breviarium totius juris canonici* e o quaresmal *De reditu peccatoris ad Deus*. A essas duas obras seguiram-se alguns opúsculos de menor importância (comentários

aos sete salmos penitenciais, ao salmo 90, formulários para a confissão, e uma biografia de São Roque).

Em 1482, frei Paulo mudou-se para Mântua, sob a proteção da família Gonzaga. Ali escreveu a *Historia urbis Mantuae Gonziaceque familie*.

Em 1485, hospedou-se no convento da Santíssima Anunciada e, pouco tempo depois, retomou o hábito dos Servos de Maria. Sua volta deve ter sido favorecida pelo prior do convento de Florença, frei Antônio Alabanti. Aliás, o próprio frei Paulo reconheceu isso ao dedicar-lhe o quaresmal *Paulina predicabilis* (1494) com estas palavras: «Quando eu me encontrava no meio da procela, tu me trouxeste ao porto da salvação, tu que és, dentre todos, o primeiro benfeitor, amigo e pai; transformaste o nosso decadente convento da Anunciada de Babilônia que era a um paraíso de delícias, com o aumento dos bens móveis e imóveis, com uma vida regular e um clima de obediência que há um século não se observava, tornando-se assim o primeiro convento no mundo todo».

Ainda em 1485, frei Paulo pregou a quaresma junto com frei Estevão dos Flandres. Na oitava de Pentecostes (22-29 de maio), foi a Vetralla (Viterbo), onde pronunciou um sermão aos frades reunidos em capítulo geral. Este capítulo elegeu para prior geral frei Antônio Alabanti. Frei Paulo foi designado para Pistóia.

Entre 1485 e 1489 exerceu o ministério da pregação em Vercelli, Novara, Turim, Savóia e na Suíça, abrindo o caminho para novas frentes segundo o programa de expansão da Ordem do prior geral frei Antônio Alabanti.

O capítulo Geral de Bolonha de 1488, onde frei Antônio Alabanti proferiu o homilia ritual “*De laudibus Religionis*” diante do Senado da cidade, estabeleceu que fossem publicados, às expensas do erário público, as suas pregações quaresmais, junto com os sermões de Nicolau de Sena e de Ambrósio Spiera.

A partir de 1º de julho de 1489 aparece novamente como residente em Florença, onde continua até a morte suas atividades de pregador e de estudioso. Em 1497 passa a integrar o Corpo docente da Universidade de Florença. No capítulo geral de Perúsia é eleito provincial da Toscana. Dedicou a sua obra *Historia Perusina Balionaque* ao prior geral frei André de Perúsia.

Morre em 16 de maio de 1499.

#### Bibliografia:

F. A. DAL PINO, *I frati Servi di s. Maria*, I, p. 55-58.

A. M. SERRA, *Memoria di fra Paolo Attavanti (1440ca.-1499)*, “Studi Storici OSM”, 21 (1971), p. 47-87.

O. J. DIAS, *Un manoscritto di fra Paolo Attavanti (+1499) scoperto a Würzburg*, “Studi Storici OSM” 36 (1986), p. 359-362.

#### *Paulina praedicabilis*

O quaresmal, dedicado ao prior geral Alabanti, como diz o título, devia ser uma coletânea de sermões “*a septuagesima usque ad tertium diem pasce*». Mas a edição atual termina com a segunda-feira depois do primeiro domingo da quaresma.

Edição: *Monumenta OSM*, XI, p. 115.

Sábado, quando se lê Marcos VI: Jesus, nas últimas horas da noite, vendo-os com

dificuldade no remar, porque o vento era contrário, foi até eles andando sobre as águas... Quando os discípulos o viram andar sobre as águas, acharam que fosse um fantasma... Ele subiu ao barco, juntando-se a eles e deu ordens ao vento e ao mar e fez-se uma grande bonança. Os discípulos ficaram espantados. Tendo atravessado o lago, foram para Genesaré e a fama dos seus milagres se difundiu e em toda parte onde chegava traziam os doentes para as praças e suplicavam-lhe para que pudessem pelo menos tocar a franja do seu manto. E todos os que o tocavam ficavam curados. Isso prova a divindade de Cristo, a cuja palavra o mar, os ventos e toda doença obedecem<sup>101</sup>.

Como o dia de sábado é dedicado à Virgem gloriosa e nós nos chamamos seus Servos, sendo tarde, isto é, estando já no fim da vida, e encontrando-nos ainda em pleno mar, vale dizer, no meio da tempestade mundo, à meia-noite, isto é, mergulhados nas trevas dos pecados, a Virgem Maria é para nós o barco seguro, no qual Jesus sobe, ordena aos ventos e ao mar e acalma e aquieta os nossos inúmeros desejos humanos que sopram sempre e nos impelem para a ruína e, pelos santíssimos méritos da Virgem Maria, ele cura as doenças dos seus devotos.

Se tu fores devoto da Virgem, escuta o que diz Isaías 58: Então a tua luz brilhará nas trevas e o teu escuro será igual ao meio-dia<sup>102</sup>, isto é, nascerá em ti, em lugar dos pecados, uma vida de graça. A ti, que és tentado de todos os lados, o Senhor teu Deus dará sempre repouso e encherá de esplendor a tua alma, e serás como um jardim irrigado e como uma fonte cristalina cujas águas jamais secarão. Se compreenderes bem, dons de graças tão grandes como esses são prometidos aos devotos da Virgem.

## VIII. NICOLAU DE MANETO DE PISTÓIA

### *Sermões às monjas dos Servos de Maria*

O ritual da vestição religiosa previa também o momento e o tema de uma breve homilia do celebrante. O *Opusculum* para as fraternidades leigas dos Servos de Maria<sup>103</sup> termina com duas anotações, uma em língua vulgar e outra em latim, referentes aos sermões dirigidos por frei Nicolau de Pistóia às “irmãs” que emitiram os três votos religiosos.

#### 1. Primeira anotação do sermão em língua vulgar

Edição: *Opusculum magistri Nicolai Pistoriensis*, ed. A. MORINI, in *Monumenta OSM*, VII, Bruxelles 10905, p. 193-194.

Bibliografia: D. M. MONTAGNA, *Quattrocento devoto minore, 1. Due appunti di fra Nicolò da Pistoia († 1499) per sermoni alle monache dei Servi*, “*Moniales Ordinis Servorum*”, 4 (1966), p. 26-30.

Faça-se o sermão sobre três assuntos: sobre a vida religiosa, sobre a irmã e sobre seus

---

<sup>101</sup> Cf. *Marco* 6, 45-52

<sup>102</sup> Cf. *Isaia* 58, 10

<sup>103</sup> Para notícias ver...

parentes.

O primeiro lugar cabe à vida religiosa sob três pontos de vista: pela sua autora que foi Maria, a mãe de Jesus com as outras Marias, José, Nicodemos, Santa Verônica, o sol e todo o mundo que iniciou esta santa Ordem; pela singularidade da devoção à Santíssima

Anunciada de Florença, a primeira em todo o universo; pelos frutos que produz quem se faz religioso, porque obtém em primeiro lugar o privilégio jubilar, em segundo lugar a participação em todos os benefícios feitos ou a fazer (como consta em nossos privilégios), e em terceiro lugar porque duplica-se sobre ele a guarda dos anjos.

O segundo lugar cabe à irmã, se observar os três votos, pelos quais a pessoa ultrapassa as forças humanas e se torna mais que humana, quase divina. Três coisas devem ser feitas: primeiro, fornecer-lhe tudo o que deve fazer e evitar na vida religiosa; segundo, mudar-lhe o nome; terceiro, designar-lhe um mestre.

O terceiro lugar cabe aos familiares, parentes e à sua generosidade; à dignidade da terra natal; à nobreza da parentela; aos próprios familiares se entre eles houver porventura alguma pessoa singular ou eventos extraordinários.

## 2. Segunda anotação em latim

Edição: *Opusculum magistri Nicolai Pistoriensis*, ed. A. MORINI, in *Monumenta OSM*, VII, Bruxelles 1905, p. 194.

Bibliografia: D. M. MONTAGNA, *Quattrocento devoto minore, 1. Due appunti di fra Nicolò da Pistoia († 1499) per sermoni alle monache dei Servi*, “*Moniales Ordinis Servorum*”, 4 (1966), p. 26-30.

«Ouve, filha, olha, inclina o teu ouvido, esquece teu povo e a casa de teu pai»<sup>104</sup>.

Ouve, filha: eis a obediência.

Filha: eis a caridade, uma vez que é próprio da filha amar.

Olha com circunspeção: eis a prudência.

Inclina: eis a humildade.

O teu ouvido, para escutar a leitura e o sermão, não a tua boca para a tagarelice: nisto sobressai o silêncio. “Lento para falar”<sup>105</sup>. E muito mais devem ser as mulheres, às quais o Apóstolo não permite que falem na igreja<sup>106</sup>. E, entre as mulheres, em particular as monjas, às quais se prescreve como norma o silêncio.

E esquece o teu povo: eis o desprezo do mundo. E a casa do teu pai: eis o desapego dos parentes.

---

<sup>104</sup> Cf. *Salmo* 44 (45), 11

<sup>105</sup> Cf. *Tiago* 1

<sup>106</sup> Cf. *1 Coríntios* 14,34.